

# PIERROT



Editora

O tempo  
das cores

## Sumário

Capítulo 1	página 3
Capítulo 2	página 5
Capítulo 3	página 7
Capítulo 4	página 9
Capítulo 5	página 11
Capítulo 6	página 13
Capítulo 7	página 15
Capítulo 8	página 17
Capítulo 9	página 19
Capítulo 10	página 23
Capítulo 11	página 26
Capítulo 12	página 29
Capítulo 13	página 31
Capítulo 14	página 34
Capítulo 15	página 36
Capítulo 16	página 39
Capítulo 17	página 41
Capítulo 18	página 43
Capítulo 19	página 45
Capítulo 20	página 47
Capítulo 21	página 50
Capítulo 22	página 52
Capítulo 23	página 54
Capítulo 24	página 58
Capítulo 25	página 64
Capítulo 26	página 66
Capítulo 27	página 68
Capítulo 28	página 70
Capítulo 29	página 73
Capítulo 30	página 75
Capítulo 31	página 79

## Capítulo 1

Chorando.

Chorando e coberto de lama, foi dessa forma deplorável que eu vim ao mundo.

E eu não estou me referido ao meu nascimento.

Tenho certeza de que tinha uma vida antes de acordar naquela caverna escura e fria, com um único feixe de luz que batia em meu rosto e me fazia desviar o olhar para o chão.

Parecia que nunca tinha visto a luz do sol antes.

O que aconteceu para que eu estivesse lá? Eu realmente não sei. Não me lembro de nada.

Porém, pouco antes de acordar naquela caverna eu tive um sonho. Mas, não um sonho qualquer e irrelevante. Tenho certeza de que era uma lembrança. Uma lembrança de algo que eu vivi pouco antes de vir parar onde quer que eu estivesse.

Tenho uma memória vaga e não muito clara de estar andando pela cidade que ficava em um vale rodeado por montanhas e florestas. Eu me sentia feliz e tranquilo caminhando pelo lugar mais belo que havia visto. De repente, alguém grita às minhas costas. Me viro e vejo o lugar todo em chamas.

Nuvens negras cobriam o céu. Construções em chamas e a beira de desabarem. Famílias correndo para longe. E uma enorme nuvem de fumaça e fogo invadiu a aldeia.

Eu corria na direção oposta a dos moradores. Corri para enfrentar o perigo.

Um sentimento de culpa invadia meu peito e lágrimas escorriam pelo meu rosto. Por algum motivo, aquilo estava acontecendo por minha causa.

Minha visão ficou mais turva até que o sonho desapareceu, restando apenas o sentimento de culpa.

Foi aí que eu acordei. E estava me afogando em um líquido viscoso e espesso, e o desespero percorria cada célula do meu corpo. Me debati até conseguir sair de lá, caindo de joelhos no chão. Estava com frio e coberto de lama preta e fedorenta. Chorava como no sonho.

Um arrepio percorreu minha espinha e senti meu corpo formigar, como se estivesse tomando forma e ainda fosse parte da lama. Logo em seguida veio uma dor insuportável na cabeça e flashes do sonho vieram a minha mente.

Eu olhei para a entrada da caverna e a luz forte me fez fechar os olhos.

A culpa me corroía por dentro, como se eu tivesse feito algo terrível. Eu olhei para cima e gritei enquanto chorava. Pensei sobre o quê eu teria feito de tão horrível.

E foi aí que fiquei mais confuso, quando me dei conta de que não sabia de nada sobre a minha vida. Nem meu próprio nome.

Fiquei um tempo encolhido e tentando me lembrar de qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, enquanto a dor incapacitante não passava.

Eu só queria saber meu nome ou de onde eu vinha,. Toda e qualquer mínima informação sobre mim era importante. Porém, nada me veio a mente.

Quando percebi que não encontraria respostas, eu tentei me levantar, mas não consegui sustentar meu próprio peso e acabei caindo no chão. “É... parece que eu não sou muito forte.” Ri fracamente e me arrastei até a parede da caverna, onde tentei levantar de novo, dessa vez me apoiando em uma das paredes rochosas do lugar.

Com muito custo eu consegui me levantar e andei até a entrada da formação rochosa, ainda apoiado na parede.

Tive que cobrir o rosto com a mão, pois parecia que o sol iria me cegar de novo. Depois de uns segundos, consegui olhar em volta. “Aparentemente, seja lá quem foi que me colocou aqui, me deixou numa caverna cercada por uma floresta no meio do nada. Legal!” Pensei, indignado.

Não podia fazer mais nada, então eu só andei, sem pensar em nada, por horas. Minha mente estava em branco, o que não era muito difícil. Eu andei sobre pedras, atravessei córregos, passei por densas moitas e até avistei um bando de pégasus em uma clareira. De onde veio a força para andar até escurecer, eu não faço ideia. Só fui perceber que tinha andado demais, quando fiquei tonto e vi as árvores ao meu redor se torcerem, enquanto eu desabava no chão.

Olhando para cima vi o céu escuro. Sabia que havia caído no chão úmido daquela floresta e senti a pouca força que possuía se esvaír. Desmaiei.

Pensava que minha morte talvez não devesse fazer diferença. E que eu não deveria me importar, pois nem sabia quem eu era. Afinal, se estava ali, abandonado

no meio do nada, não deveria ser muito importante para ninguém. Mas, eu me importava. Eu ainda tinha muito o que fazer, mesmo não sabendo exatamente o quê. Naquele momento, não importava exatamente o que tinha feito no passado, só sabia que precisava me redimir.

## Capítulo 2

Sinceramente, achar um elfo morto no meio da floresta acabou completamente com o meu apetite.

Eu e minha irmã gêmea tínhamos saído algumas horas antes e apostamos uma corrida para buscar algumas frutas. Com sorte, um animal pequeno para o jantar e para o café da manhã do dia seguinte.

Vivendo perto de uma floresta era de se esperar ver muitas coisas meio esquisitas e assustadoras, mas, normalmente, as coisas são tranquilas. Nós só saíamos e buscávamos comida. Às vezes, esbarrávamos com um cervo, um drakon pequeno ou, quando estávamos com azar, topávamos ocasionalmente com um bando de duendes ou um grifo selvagem furioso.

Eu e Dione estávamos colhendo algumas frutinhas silvestres para um chá, quando ela me chamou com pressa.

- Ícaro, vem aqui, rápido! - Chamou, com a voz um pouco assustada.

Dione não é de se espantar com qualquer coisa, então eu fui depressa.

- O que foi? Tem algo *erra...* - foi ai que eu vi aquele corpo no chão, entre os arbustos de mirtilos.

Era um elfo, sem dúvida. Ele era alto e magro, tinha ombros largos, uma pele pálida até para a sua espécie, cabelos loiro-escuros longos, que escondiam o rosto, e vestia uma túnica marrom simples. Parecia ter entre vinte e vinte e cinco anos.

Dione estava se aproximando do corpo, mas eu a segurei.

- O que foi? Ele pode estar vivo ainda, ou ter algo que possamos roubar.- disse ela.

- Ele é um estranho que está caído nessa floresta no meio do nada. Mesmo que não esteja vivo, pode ser perigoso.

- Sim, mas pode não ser e acabar nos dando uma boa recompensa por ajudá-lo.- Ela se soltou e andou até o elfo.- Ele está vivo, por incrível que pareça.- disse com tom de deboche para mim, e tentou levantá-lo.

- Dione!- Exclamei.- Se você quer ajudá-lo, vai fazer isso sozinha.

Ela se virou para mim, com um olhar mortal que dizia claramente que se eu não a ajudasse a levar o elfo para casa, ficaria sem jantar e ainda levaria um tapa.

Suspirei. Não tinha jeito, quando ela me olha assim, eu sei que a discussão está perdida.

Nós o levamos até o chalé abandonado em que estávamos morando. Eu tive que carregá-lo boa parte do caminho, pois minha queridíssima irmã disse estar ocupada levando a comida, deixando o trabalho pesado só para mim. E eu não era um exemplo de força física! Mas, ela podia esperar que eu iria retribuir o *favor*.

- Pronto!- Disse, finalmente colocando aquele esquisito no chão, em cima de uma manta.- Para um cara magro ele é bem pesado.- Confessei, enquanto alongava as costas que estavam doloridas por carregar aquele peso extra.- Então, o que faremos agora?

- Esperamos que ele acorde para cobrarmos o resgate e o mandarmos embora.- Disse Dione, enquanto tirava os peixes e frutas do saco.- E, durante esse meio tempo, você vai limpar o peixe e eu vou acender o fogo.

- Porque eu que tenho que limpar o peixe?- Resmunguei, apoiado em uma parede.

- Porque você perdeu a última aposta, lembra?- disse, sorrindo de satisfação por ter vencido a aposta e por não ter esse trabalho.

- Tá bom! Agora me dá esse peixe e a faca.- disse, irritado.

- Claro irmãozinho.- Disse ela, enquanto me entregava o que eu pedi, e ainda com um sorriso de deboche.

Eu saí da cabana ainda resmungando e fui limpar os peixes em um córrego próximo. “Espero que a comida seja boa para compensar esse trabalho!”

### Capítulo 3

Eu não conseguia segurar minha risada.

Meu irmão odiava limpar os peixes, e eu também! Mas, como eu finalmente tinha vencido a aposta de corrida naquela manhã, Ícaro era quem cuidaria dessa tarefa desagradável. E o pior: ele ainda teria que ficar com a maior parte da vigia naquela noite.

Nós sempre resolvemos quem iria ficar com as tarefas mais chatas dessa forma, e eu finalmente venci, depois de uma maré de azar. Era ele quem escolhia os jogos - normalmente de mira -, os quais sempre ganhava. Mas, dessa vez, a escolha foi minha e eu venci em uma corrida.

Acendi o fogo na lareira e estava preparando um chá com as frutas que achamos. Eu cantarolava uma música, quando ouvi o nosso convidado se mexer e grunhir baixo. Me virei para observá-lo. Ele parecia ainda estar dormindo e aparentemente sonhava com algo, pois continuava a grunhir e a se virar. Acho que ouvi-o dizer que algo estava em chamas.

Eu voltei a preparar a comida. Comecei a pensar em como o elfo foi parar lá, sozinho. Aquele bosque ficava longe de grandes cidades e a aldeia mais próxima ficava a quase um dia de caminhada, na direção oposta a que o elfo estava.

Talvez ele tivesse se perdido. Pensando bem, ele deve ser estrangeiro. Ele se veste com roupas mais comuns do continente élfico: uma túnica longa com um capuz. Quem sabe ele é de lá, ou de uma família élfica mais tradicional? De uma forma ou de outra, teria dinheiro para nos recompensar.

Estava tão focada em teorias e suposições sobre o visitante inesperado, que levei um susto quando Ícaro entrou resmungando e reclamando sobre os peixes.

-Que saco! Vou ficar cheirando a peixe até amanhã!- Ele andou até mim e entregou o peixe, que eu coloquei na panela de ensopado.- Aquele cara fez alguma coisa nova enquanto eu estava fora?- Perguntou meu irmão, apontando para o elfo.

-Na verdade, não muito. Ele se mexeu um pouco e resmungou sobre algo pegando fogo, mais nada depois disso.- Falei, enquanto mexia a comida. - Acho que ele pode ser estrangeiro.- Conteí uma das minhas suposições.

- Provável... ele tem até inscrições em élfico no pescoço.-

- O quê?- perguntei confusa.

- No pescoço. Você não reparou?- Ícaro disse, aproximando-se do elfo e tirando o cabelo de cima do pescoço para mostrar as inscrições que formavam um círculo na curva entre o pescoço e o ombro.

- Parece que também tem queimaduras grandes.- Disse, aproximando-me e levantando a manga da camisa, revelando algumas manchas de queimadura.- Parece até que ele lutou contra uma hidra!- Exclamei, surpresa.

Ícaro se afastou, olhando o elfo dos pés a cabeça, com um olhar ainda mais desconfiado do que o normal.

- Dione, eu consigo sentir um poder muito forte vindo dele. E também muito ressentimento e mágoa. Irmã, isso não é bom... Ele vai nos trazer problemas. Precisamos nos livrar dele!- exclamou ele.

- O quê? Não!- Respondi.- Ele está desacordado. Podemos ajudar sem nos arriscar. Além do quê, ele pode nos dar uma boa recompensa e você sabe que precisamos disso!- Respondi de forma brusca.

- O risco não vale tanto! Se precisarmos de mais dinheiro, é só nos mudarmos de novo para uma grande cidade. Lá vamos poder roubar com muito menos perigo.- Argumentou.

- Irmão, se formos pegos de novo, vamos ficar na cadeia para sempre!.-

Nós continuamos a discussão. Era verdade que poderia ser perigoso lidar com elfos estrangeiros, mas nós já estávamos vivendo em casas abandonadas e cavernas a quase um ano. Não podíamos continuar assim. Ora ou outra iríamos encontrar um monstro forte demais e aí seria o nosso fim. Valia a pena correr o risco de lidar com aquele elfo.

Estávamos tão focados em nossa briga que não percebemos quando o elfo acordou e se levantou, andando sorrateiramente até a porta. Só percebi quando me virei de costas para o meu irmão e vi nosso convidado, já com a porta aberta, quase saindo, e me encarando. E então ele disse:

- Aaah... Oi?

## Capítulo 4

Eu acordei com uma dor terrível na frente da minha cabeça. Parece que isso é algo frequente.

Eu havia sonhado novamente com a aldeia em chamas e as pessoas correndo e gritando. E a culpa ainda estava presente, como uma assombração que não ia embora.

Permanecia de olhos fechados, tentando processar o que tinha acontecido. Aparentemente não tinha morrido. Eu comecei a ouvir um barulho alto, pareciam duas vozes, duas vozes irritadas e bem altas, o que não foi bom para minha dor de cabeça.

Abri os olhos discretamente e olhei ao meu redor. Eu notei que estava deitado no chão, em cima de um tipo de manta. Parecia estar em um chalé humano, mas ele parecia não estar muito bem cuidado, pois as paredes tinham buracos, assim como o telhado. O chão também tinha partes do assoalho faltando e algumas plantas entravam por entre as janelas quebradas. A única parte da casa que parecia mais ou menos inteira era o fundo da casa, onde ficava uma lareira de pedra com o fogo aceso e uma panela em cima. Parecia já ser de noite, já que a parte mais iluminada era justo o fogo aceso.

Só fui perceber a presença de duas pessoas no meio do cômodo um tempo depois. Eles estavam brigando e, sinceramente, eles pareciam meio assustadores. Aproveitei a chance para sair de lá, enquanto eles não prestavam atenção em mim. Me esgueirei até a porta perto de mim e estava prestes a sair quando...

- Você é impossível, Ícaro! Nós vamos ajudá-lo sim! E depois vamos para outra cidade e aí...- Foi quando a menina se virou, com os braços cruzados e cara fechada, e me viu saindo pela porta.

“Já era minha fuga.” Pensei.

- Aaaah... oi?- Disse, tentando pensar em algum plano.

O garoto me olhou de cima a baixo com um olhar desagradável. Enquanto a garota tinha um olhar mais preocupado.

Nenhum dos dois parecia ter mais que dezesseis anos e eram muito

parecidos. Talvez fossem gêmeos. Os dois eram magros e altos, sendo o garoto o mais alto. Eles vestiam roupas simples. Eu diria que eram humanos comuns, se não fosse por uma força mágica emanando deles e por alguns adornos que pareciam vindos do país dos magos.

A garota tinha cabelos longos e da cor de mel que estavam presos em uma trança. Seus olhos eram verdes e a pele meio morena. O rosto era fino e não muito comprido. Ela vestia uma blusa simples com abertura em V, acinturada com tiras de corda amarradas. As mangas eram dobradas e vinham até o cotovelo. Usava uma calça de couro com alguns bolsos pequenos e amarrada com um cinto no qual carregava uma adaga. O braço direito tinha um bracelete mágico, com inscrições de runas. Na mão esquerda tinha um anel no dedo indicador, que também parecia um artefato mágico.

O garoto também tinha olhos verdes e cabelo cor de mel. Seu rosto era fino e longo, com olhos grandes, lembrando uma coruja. Ele também vestia-se de forma simples: uma camisa parecida com a da irmã, só que de mangas longas, que acabava em tiras de couro amarradas pouco abaixo do cotovelo e envolviam até as mãos. Ele usava calças de couro simples que acabavam no joelho, onde era envolto por faixas. Por cima tinham duas joelheiras. Ele também usava botas de cano alto. O garoto tinha um colar com pedras e símbolos mágicos também. Além disso, ele usava um anel igual ao da garota no dedo indicador da mão esquerda.

- Ah, desculpe a confusão e o barulho.- A garota se apressou em dizer, enquanto o garoto se apoiou na parede, cruzando os braços e virando o rosto.- Eu sou Dione Damon, e esse é meu irmão mais velho e desagradável, Ícaro Damon.-

- Ah, sim. muito prazer.- Disse, meio desconfortável.

A garota, que agora eu sabia que se chamava Dione, me olhou meio confusa e disse:

- Então... Qual é o seu nome?- Perguntou Dione.

- M-meu nome?- Achei melhor não responder. Afinal, eu não tinha uma resposta- éh... onde eu estou?- Perguntei.

- Você está em Amsetec, o país misto.- Disse Ícaro seco.- Mas, responda logo: qual é o seu nome?

Agora eu estava lascado! Eu não sabia meu nome, e eles iriam me achar um maluco se simplesmente falasse que não lembrava. Optei por falar o que me

ocorreu: se me achassem um louco, pelo menos teriam pena de mim.- Eu bem que queria saber o meu nome...

- Como assim?- Perguntou o irmão rispidamente.- Por um acaso bateu tão forte a cabeça, quando caiu no chão, que esqueceu quem é?

- Ícaro! Não seja grosseiro.- respondeu Dione ao irmão.

- Haha.- Ri sem jeito.- Mais ou menos isso... eu acordei em uma caverna, sem saber de nada. De onde eu vim... quem eu sou... eu realmente não sei de nada disso.- Então, eu tive uma ideia que poderia me ajudar a lembrar: - Você disse que me acharam na floresta, não é?

- Sim, você estava no chão. Parecia até que tinha morrido. - Disse Ícaro.

- Será que vocês podem me ajudar a achar uma caverna? Ela deve estar na direção em que vocês me acharam. - Complementei, tendo esperança de saber alguma coisa sobre de onde eu vim.

Os irmãos se entreolharam por um tempo, como se estivessem em uma discussão silenciosa. Tenho certeza de que o tal de Ícaro era contra, mas, aparentemente, quem venceu foi Dione, pois o irmão suspirou de frustração.

- Ta! Nós podemos te ajudar a achar essa caverna. - Disse Ícaro, emburrado.

- Muito obrigado, mesmo. Quando podemos ir? - Perguntei animado.

A garota, que agora estava perto da lareira, mexendo na panela, virou para mim e disse.

- Não agora. O jantar está pronto e já é tarde. Nós iremos amanhã.

## Capítulo 5

Eu definitivamente não confiava no elfo.

Sério! Como podemos confiar em alguém que não sabe o próprio nome?! Se a escolha fosse minha, nós nem teríamos o levado para o chalé. Com esse esquisito não lembrando nem quem é, claramente nunca vai nos dar uma recompensa. E Dione insiste em ajudá-lo!

E como eu sei que ela vai, com ou sem mim, levar esse elfo para a tal caverna de onde ele disse que veio, eu não tenho escolha, senão ir junto com a minha irmã cabeça dura e o elfo cabeça de vento...

Durante o jantar, o elfo parecia olhar tudo em volta, como se procurasse algo. Isso me deixou alerta. Então, eu decidi fazer algumas perguntas para o nosso convidado sem memória.

- Como era a caverna em que você estava? - Perguntei incisivamente. Minha irmã me deu uma encarada mortal, mas eu a ignorei desta vez.

- Sinceramente, eu me lembro de muito pouco. Ela era uma caverna escura e eu acho que tinha pedras negras. Estava em um tipo de morro um pouco acima do nível das árvores. - Disse ele, deixando a tigela de ensopado no canto, com um olhar pensativo e distante. - Bem, espero que essas informações ajudem, porque é tudo o que eu me lembro, literalmente. - Disse, com um sorriso bobo no rosto pela piada sem graça que acabara de contar.

Suspirei. Teria que procurar uma caverna escondida no meio da floresta com pouquíssima informação e, ainda, teria que aguentar esse cara fazendo piadas ruins. Seria um dia longo amanhã.

Como eu perdi a aposta, ficaria dois terços da noite de vigia e eu usei esse tempo para arrumar nossas coisas, pois assim que o elfo dormiu Dione e eu entramos em um acordo e decidimos que aproveitaríamos essa oportunidade para nos mudarmos para outra cidade, maior desta vez.

Pela manhã estava tudo pronto e nossas mochilas arrumadas. O elfo se ofereceu para levar uma das sacolas mais pesadas. Apesar de estar relutante com isso, aceitei, porque minhas costas ainda doíam de carregá-lo pela floresta.

O caminho até onde o encontramos foi tranquilo. O esquisitão sem memória

ainda nos agradecia por tê-lo tirado da floresta e ajudado. Ele até tentou lembrar de algumas coisas quando Dione perguntou, mas ele ficou tonto e quase caiu. Então descobrimos que era melhor não tentar perguntar muito sobre ele. E eu preferia assim.

Quando chegamos na parte da floresta em que o achamos ele ficou estranho, como se estivesse em um tipo de transe.

Ele andou até os arbustos em que estava e abaixou, começando a recitar um tipo de cantiga em uma língua que eu deduzi ser élfico. E, quando eu achava que não podia ficar mais estranho, ele se levantou em um salto e se virou para a floresta, com um olhar vazio, e começou a andar rapidamente.

-OU! Elfo esquisito, volta aqui!- gritei. Mas, é óbvio que ele não parou.

-ATRÁS DAQUELE ELFO!- Exclamou Dione, apontando para onde ele estava indo.

Depois disso, nós corremos atrás dele por quase três horas.

Em alguns momentos eu quase os perdi de vista, ao elfo e à minha irmã. O elfo parecia estar quase voando por cima dos obstáculos e minha irmã era mais rápida e ágil que qualquer um que eu conheço.

Eu e Dione estávamos sem folego e meus pés já tinham bolhas de tanto correr atrás daquele idiota, quando ele finalmente parou. Olhava para cima, em direção a um morro um pouco acima da copa das árvores. O morro era como ele tinha descrito ontem. Então, ele se virou e olhou confuso para nós.

-O que houve? Como viemos parar aqui?- Perguntou aquele palhaço, olhando em volta.

-Eu é que pergunto!- Exclamou minha irmã, ofegante.- Você simplesmente saiu correndo do nada.-

-Desculpe, eu não me lembro. Acho que entrei em algum tipo de transe quando chegamos perto de onde eu desmaiei.

-Não importa. Olhem- Eu disse, apontando para a entrada de uma caverna no morro.- Vamos logo! Quanto mais rápido descobrirmos o que tem lá, mais rápido me livro de você.- comentei, começando a subir a pequena elevação.

## Capítulo 6

Graças aos sábios, o caminho até a entrada da caverna não era muito íngreme.

Assim que Ícaro começou a escalada, eu e o elfo o seguimos. Meus pés doíam e eu ainda não tinha recuperado o fôlego, mas consegui chegar à entrada da caverna, onde meu irmão me ajudou a finalizar o caminho. Poucos segundos depois, o elfo já estava conosco na caverna.

O lugar era como ele havia descrito: frio, escuro e com as paredes de pedra negra. Havia também uma poça de lama preta no fundo da caverna, com rastros de lama seca saindo de lá. E, em cima da piscina lamacenta, tinham runas que eu reconhecia do nosso país de origem.

- São runas mágicas de Mana, o país da magia. Um mago fez isso aqui a muito tempo.- comentei.

- Que poça lamacenta é aquela?- perguntou meu irmão, apontando para o fundo da caverna.

- Eu não sei direito, mas eu acordei dentro dela. Estava me afogando. Foi horrível.- Disse o elfo, se arrepiando pela lembrança aparentemente desagradável.

Ele se aproximou da parede para examinar melhor as marcas.

Quando chegou perto da parede com as inscrições e esticou a mão, as runas se acenderam e um tipo de magia foi ativada. Todos nós recuamos alguns passos pela surpresa. Ícaro pegou seu estilingue e eu a minha faca, ambos concentramos poder mágico em nossas armas para nos defender...

As runas continuaram brilhando e piscando. Elas começaram a fazer um barulho grave e contínuo, como uma voz abafada ao fundo. “Aquele deveria ser um feitiço de mensagem”, deduzi. Então, uma voz grave soou pelas paredes da caverna, dizendo:

- *Finalmente você despertou de seu sono profundo, Orfeu.*

- Está falando comigo?- perguntou o Elfo, quer dizer, Orfeu.

- *Depois de despertar de uma magia tão forte deve estar confuso,-* disse a voz.

- Sim! Por favor, me diga quem eu so...-

- *Mas você está em Amsetec, um país onde quem te deseja o mal desde cedo*

*não te achará por muito tempo.-*

- É uma magia de mensagem gravada há muito tempo. Não pode responder suas perguntas.- Contou Ícaro.

Orfeu mudou de expressão. Parecia decepcionado. Acho que ele esperava por mais respostas.

- *Para recuperar sua arma sagrada, vá para a famosa cidade subterrânea ao sul. Encontre Euristo, um velho anão artesão. Ele o espera há muito tempo.-* Continuou a voz.- *Boa sorte em sua jornada, meu campeão. E que você encontre o caminho de volta para casa.*

O elfo se virou para a entrada da caverna com o olhar no chão. De repente, o poder mágico dele ficou ainda mais forte, assim como o ressentimento e rancor que Ícaro mencionou na cabana.

-Vamos. Já é quase o meio da tarde. Precisamos ir embora.- Disse Orfeu, parecendo desolado.

## Capítulo 7

Não sei direito o quanto eu andei, e aparentemente isso é algo recorrente. Sinceramente eu só parei, porque Dione e Ícaro não aguentavam mais me seguir e estavam ficando para trás. As plantas da floresta pareciam se fechar em cima deles.

Então, paramos em uma clareira e fizemos uma fogueira para passar a noite. Enquanto eles preparavam o acampamento, eu fui atrás de algo para comer e para compensá-los pelo tanto que os fiz andar. Também não falei nada desde que saímos da caverna. Eu estava arrasado.

Esperava respostas e só o que consegui foi sair de lá com mais perguntas. “Quem era Euristo? Como assim eu era *o campeão*? Desde quando eu tinha uma arma sagrada?” Essas eram apenas mais algumas para a minha lista, que só aumentava, de *perguntas que eu deveria saber a resposta, mas não me lembro de nada, pois alguém lascou com a minha memória!*

“É, eu preciso de um nome menor para essa lista”, pensei, ainda irritado e inquieto.

Agora já era tarde e começava a escurecer.

Estávamos todos ao redor do fogo, esperando a comida ficar pronta. Meu olhar estava fixo nas labaredas dançando e minha mente ainda voava em pensamentos deprimentes sobre a minha quase total falta de lembranças.

Eu não tinha vontade de conversar, mas precisava conversar com os irmãos Damon sobre o que aconteceu e pedir ajuda novamente.

- Aquela mensagem disse que devo ir para uma cidade subterrânea.- disse, ainda olhando o fogo.- E eu gostaria de pedir que me dissessem para onde ela fica.

- Você vai mesmo para lá?- perguntou Ícaro.

- Sim. É a única pista que eu tenho, afinal.

- Então não se preocupe,- disse Dione- nós estamos indo para lá mesmo.

Vamos te levar.

- Estamos?- questionou o irmão.

- Sim. Nós iríamos de qualquer jeito para uma grande cidade e a metrópole do comércio de ferramentas desse país é uma boa opção. Então, sim, nós vamos para lá.

- respondeu a irmã.

Eu olhei para eles. Estava surpreso com a proposta deles. Ficamos em silêncio por mais alguns minutos até que Dione disse:

- Você pode não ter achado muitas respostas, mas agora tem um objetivo claro, Orfeu.- Disse, de forma clara e determinada.

Eu sabia que eles só iriam me acompanhar até a cidade por interesse, mas mesmo assim eu fiquei feliz de não estar tão sozinho quanto eu esperava. E Dione tinha razão. Apesar de ainda não saber de nada sobre mim mesmo, exceto meu nome, eu tinha um norte por onde começar a procurar. Eu tinha um objetivo claro.

Acordamos na manhã seguinte e rumamos para o sul, em busca de Euristo e de respostas.

Nós andamos por quase duas semanas sem nenhum problema.

E nesse tempo eu aproveitei para tentar lembrar de algo, estimulando meus sentidos. Mas, minha tentativa só resultou em uma queda por falta de atenção e um quase congelamento, quando caí em um lago no meio de noite. Achei melhor abandonar esse plano.

Antes de entrarmos no subsolo, paramos em uma vila próxima à entrada da cidade em que o artesão morava. Lá era meio estranho. Tinha a sensação de que estávamos sendo observados. Decidi ignorar.

Estávamos em busca de um pouco de comida e algum dinheiro, porque, segundo os Damon, Euristeu com certeza iria querer algo em troca da minha suposta *arma sagrada*. Por isso, eu andava pela aldeia procurando por alguma coisa que me rendesse algumas moedas.

- Ali! Vamos achar algumas moedas lá...- disse Ícaro, apontando para uma fonte no meio da pracinha em que estávamos.

- Aãh... como uma fonte vai nos ajudar a conseguir dinheiro?- perguntei.

- Isso é uma fonte dos desejos. Tem pelo menos uma em toda cidade.- explicou Dione.

- Os Humanos encantam fontes para darem dinheiro?- questionei.- Me parece meio bobo.

- Não. Não é uma fonte encantada, é só... Onde se joga uma moeda e faz um desejo. Apesar de todos sabermos que não funciona, virou meio que uma tradição.- Explicou Ícaro, levemente irritado pela pergunta que parecia boba aos seus olhos.

- Agora parece mais bobo ainda.

- É bobo, mas é divertido.- Diz Dione.

Eu olhava, enquanto os dois tiravam as botas e iam até a fonte para pegar as moedas. Aquela era uma tradição boba, mas realmente parecia legal. Prendi meu cabelo e também fui ajudar a pegar as moedas. No final, conseguimos não mais que dez moedas de bronze e quatro de prata, mas era melhor que nada.

Saindo de lá eu peguei uma pequena moeda de cobre e joguei na fonte e fiz meu desejo: “Eu quero saber quem eu sou e o que foi a coisa terrível que eu fiz. Por favor, me responda essas perguntas.” Não sabia para quem eu estava pedindo, mas se houvesse alguém que fosse ouvir minha prece, eu queria tentar a sorte.

- Orfeu! Vamos!- Gritou Ícaro, já emburrado, como eu percebi ser seu modo costumeiro.

## Capítulo 8

Depois de conseguir dinheiro na fonte, seguimos viagem rumo à cidade subterrânea mais rica do país. Agora só nos faltava atravessar a floresta, seguindo um rio, e chegaríamos direto na entrada da cidade.

E eu não via a hora de me despedir do elfo. Minha irmã e eu tínhamos uma confiança um no outro a qual não compartilhávamos com mais ninguém e ter aquele cara por perto constantemente me deixava estressado.

Já tínhamos andado metade do caminho tranquilamente, quando minha irmã chamou nossa atenção.

- Ícaro, Orfeu.- Ela disse, sussurrando. Parecia estar alerta e nervosa. Olhava em volta o tempo todo. - Eu não queria falar nada, porque não tinha certeza, mas agora eu tenho. Tem alguém nos seguindo desde que chegamos à aldeia e não acho que seja por estar indo ao mesmo lugar.

- Como assim?- Perguntamos eu e o elfo.- Eu não reparei nada. Dione, tem certeza?- Questionei ela.

- Eu já disse que sim.- Respondeu, fazendo todos nós andarmos depressa.- agora, vamos antes que seja *tard...*

Ela foi interrompida por um enorme ogro que bloqueou nosso caminho. Ele tinha pele esverdeada típica dos ogros, um cabelo preto raspado na lateral e preso em um rabo de cavalo. Carregava consigo um chicote com espinhos nada agradáveis na ponta. Ele também vestia um tipo de shorts que era segurado por um cinto com fecho em forma de caveira humana e em seu peito havia uma placa de metal segurada por tiras de couro em x que também prendiam a pele de algum animal nas costas, como uma capa. No seu rosto tinha diversas cicatrizes que o tornavam ainda menos amigável.

Para piorar, ao seu lado estavam dois duendes vestidos apenas com uma tanga e uma ombreira com pelo marrom em cima. Acho que era para ficar combinando com o chefe.

- Eu sou Cerus Ajax. E você, elfo.- Disse a enorme figura a nossa frente, apontando o cabo de seu chicote para Orfeu.- Vem comigo, porque alguém vai me dar uma boa grana pela sua cabeça.- Disse confiante, mostrando seus grandes e afiados caninos inferiores.

- Vamos correr!- Exclamou o elfo.

Mas, já era tarde, pois antes de sequer nos virarmos para a direção oposta, o ogro caçador de recompensas moveu seu chicote e acertou nossas canelas, abrindo grandes feridas e nos impedindo de correr.

- AONDE PENSAM QUE VÃO?!- Bradou Ajax.

Ele andou até nós com a maior calma do mundo, como se já soubesse que iria vencer. O que, dadas as circunstâncias, era bem provável mesmo.

E para tornar tudo pior, ele nos pegou, os três, e nos arremessou para todos os lados. Assim eu acabei parando quase atrás dele; Dione estava ainda no meio da estrada e o elfo estava caído e desacordado ao lado do rio.

- Sabe, eu só preciso do elfo, mas estou meio enferrujado... então acho que seria bom me aquecer lutando com vocês.- Confessou o caçador, com um sorriso presunçoso e confiante na cara feia.- Sabe o que é engraçado? Se não fosse pela sua brincadeira na fonte eu nem teria ido atrás de vocês, mas quando o elfo prendeu o cabelo eu vi a marca que descreveram, quando me pediram para caçá-lo. Pena que agora vocês vão morrer por andar com ele.- disse, enquanto ria e caminhava até mim.

Eu só pensava em achar uma brecha para fugir daquele ogro assustador, até que vi que aquele monstro estava indo em direção a minha irmã. Eu então me apressei para pegar meu estilingue, o armei com toda a força e tentei concentrar meu poder mágico. Assim, lancei uma pedra na cabeça do ogro. Normalmente, aquilo faria uma pessoa desmaiar, mas com aquele gigante pareceu não fazer mais estrago que um mosquito. Ele colocou a mão aonde a pedra acertou e se virou para mim, com um olhar arrogante.

- Hahaha! Você achou mesmo que uma pedrinha iria fazer alguma coisa além de me incomodar?- Disse ele, agora de frente a mim, ainda caído no chão. Isso o fazia parecer ainda maior e mais assustador.- Muito bem, pela sua coragem eu vou acabar com você primeiro.- E, então, aquela figura imponente se aproximava de mim.

Eu estava certo de que aquele seria meu fim e que morreria com aquela vida miserável de sem teto. Sem um lar. “Pelo menos verei-os de novo” pensei, e isso me reconfortou.

## Capítulo 9

Mesmo que eu já soubesse que tinha alguém atrás de nós não estava preparada para um ogro enorme e muito menos para um que era caçador de recompensas.

Depois que ele nos acertou com o chicote espinhoso nenhum de nós conseguia se mexer direito, minhas pernas doíam tanto que nem consegui levantar. E enquanto eu tentava recobrar os sentidos depois de ser arremessada para longe eu vi que o tal de Ajax se aproximava de mim. Eu tentei pegar minha faca mas estava com tanto medo que não conseguia parar de tremer e nem segurar minha arma.

Já estava me preparando para morrer quando uma pedra acertou a nuca do ogro. Era Ícaro tentando me salvar. Aquilo não funcionou, apenas fez com que o monstro se dirigisse ao meu irmão. Eu queria gritar por socorro mas isso de nada adiantaria. Orfeu estava desacordado e os duendes ainda estava espreitando a área. Éramos só eu e meu irmão contra aquele homem enorme, sem chances de vencer.

Mesmo assim eu juntei forças e me levantei. Com minha faca na mão eu pulei até Ajax para defender minha família. Eu consegui subir nos ombros dele, prendendo minhas penas ao redor de seu pescoço. Tentava cortá-lo com a faca e até cheguei a acertar um golpe, o que fez o ogro urrar de dor. Mas um dos duendes se jogou em cima de mim e eu cai das costas dele, tendo um encontro brusco com o chão.

O gigante se virou para mim, com a mão em cima do mais recente corte, que ia da orelha direita até depois do nariz. Sua expressão era de surpresa e confusão, mas logo seu sorriso desagradável retornou.

- Parece que essa coragem estúpida é de família. Haha.- disse de forma sarcástica.- Acho que já foi o suficiente de brincadeira por hoje, chegou a hora de eu acabar com vocês e levar a cabeça do elfo comigo.

Meu coração batia rápido e eu podia ouvir o sangue circulando pelo meu corpo como se já soubesse que não ficaria em mim por muito mais tempo. Ícaro era preso pelos dois duendes e não poderia me salvar nem fugir. Meu medo crescia a cada passo que ele dava em minha direção. Agora seria, realmente, meu fim. Eu fechei os olhos e apenas esperei pelo que eu sabia que estava por vir.

Então eu senti algo. Um poder forte e intenso que só crescia. Era um poder primordial da natureza extremamente poderoso. Abri meus olhos e ao meu redor eu

podia ver algo diferente. O rio estava agitado, as plantas estavam se movendo quase como se estivessem indo de forma ameaçadora em direção ao caçador. Uma aura densa envolveu o ambiente e cada vez mais parecia que a floresta ia se fechando em cima do nosso inimigo.

E o mais estranho é que eu reconhecia esse poder, reconhecia ele de quando fomos aquela caverna, quando Orfeu se decepcionou e sua magia natural ficou mais forte. A força e poder que estava sentindo agora eram vindas diretamente de Orfeu.

Olhei para o rio e vi ele se levantando com a cabeça baixa e apertando os punhos. Ele levantou o olhar, encarando diretamente o ogro com uma expressão muito estranha. Não era raiva ou hostilidade, e sim uma determinação enorme e avassaladora. Em um piscar de olhos Orfeu correu em direção ao inimigo, acertando um soco direto nas costelas, o empurrando para longe.

Ajax tentou revidar, correndo em direção a quem o acertou, mas o elfo apenas desviou e o acertou novamente. Isso se repetiu duas vezes, Ajax tentava atacar e Orfeu desviava e revidava.

- Como você está tão forte?! - Perguntou.- Nos enfrentaremos de novo, elfo! Pode esperar! Eu não desisto de uma presa, nunca!

Então ele e seus dois capangas saíram correndo floresta adentro. Orfeu continuou encarando eles até sumirem de vista e então ele olhou para mim e para Ícaro com um olhar que parecia ser de algo como alívio e então fechou os olhos e caiu no chão, desacordado novamente.

Eu e Ícaro fomos até ele com cautela. examinando para ver se ainda estava acordado ou se estava... Bem, morto.

- Ele não morre,- Disse meu irmão, e eu acho que senti um certo alívio na voz dele.- mas ele está muito fraco.

- Acho que ele consumiu boa parte da energia vital dele com essa luta.- Deduzi, ainda atônita e surpresa.- Precisamos levá-lo até o tal de Euristeu agora.

- Sim.- Disse Ícaro.

- Vamos, você pega os pés e eu os ombros.- Instruí. Meu irmão estava com um olhar vidrado e distante. acho que ele estava tão surpreso quanto eu.

Só faltavam mais metade do caminho, mas levar o Orfeu não foi uma tarefa fácil. Ele se mexia e murmurava pedidos de desculpa, parecia estar tendo outro pesadelo, igual nas duas noites anteriores. Demoramos o dobro do tempo para chegar

a entrada da caverna, onde se encontrava a cidade. chegamos lá ao anoitecer e nos apressamos em achar esse Euristeu.

Eu sempre imaginei como seria a minha primeira visão das grandes e famosas *idades subterrâneas* construídas pelos anões que vieram de Tellus, a terra natal dos anões. Imaginava ver a imensidão da cidade-caverna e olhar em volta, espantada pelo tamanho e magnitude das principais construções. Todos que já haviam visitado diziam que a cidade toda era impressionante, tinha tipos novos de mecanismo em cada canto: de barracas que se montavam sozinhas até dispositivos que enchiam seu copo de forma automática.

Bem, eu teria visto tudo isso, mas estava ocupada levando um elfo delirante para um anão que poderia ou não ajudá-lo. E para piorar a situação, nós não fazíamos ideia de onde, naquela enorme metrópole, estava o tal anão. Meu irmão cuidava de Orfeu enquanto eu buscava por informações com alguns grupos de comerciantes. não obtive resultados em nenhum deles e o nosso querido colega desmaiado parecia só piorar.

Já estava prestes a desistir enquanto o carregávamos por uma rua menos movimentada, até que Orfeu olhou fixamente para uma placa e murmurou:

- lá...- disse fraco enquanto apontava para a lojinha que ficava no final da rua a esquerda, com uma placa pendurada na lateral onde lia se “Alseídes”.- eu preciso ir... voltar...- disse ele, parecendo melancólico.

- Vamos lá.- Disse eu.

- O que?- Questionou Ícaro.- Vamos seguir o elfo delirante?

- Agora o elfo delirante é nossa última opção!- Retruquei.

Então nos dirigimos até a lojinha, com Orfeu agora parecendo delirar sobre voltar para algum lugar e com meu irmão reclamando e resmungando. Eu mandei Ícaro calar a boca e entrar na loja primeiro, ele foi e logo voltou com um anão ao seu lado.

O anão vestia roupas de forja. Uma blusa com as mangas dobradas até os ombros, calça de couro justa e, por cima disso, um avental com um bolso cheio de pequenas peças e um pano que estava quase caindo para fora do bolso, e ele estava coberto de fuligem. Na cabeça ele tinha os cabelos curtos e castanho escuro presos por um óculos de solda. Seu rosto era adornado por uma barba grande, o que deveria ser perigoso para quem mexe com fogo, e sua expressão, que era calma e tranquila

quando saiu da loja, ficou aflita e preocupada assim que viu o estado do ser que eu levava nas costas.

- Entrem! Entrem!- Exclamava enquanto apontava para a porta.- Rápido! Ele pode não ter muito tempo.

Seguimos o anão e deixamos Orfeu em cima de uma mesa vazia, como ele havia instruído. O anão subiu em um tipo de máquina com rodas que o elevou até conseguir examinar o elfo caído.

- Isso não é bom.- Resmungou o dono da loja, enquanto colocava a mão no peito de Orfeu.- Me digam o que houve! a magia e força vital dele parecem ter se esvaído até quase não sobrar nada.

- Nós estávamos a caminho desta cidade quando fomos atacados. Ele ficou desacordado por algum tempo mas quando acordou ele...- Eu exitei em falar, mas meu irmão complementou.

- Ele nos salvou de um ogro muito forte.- Disse e, apesar da habitual cara amarrada, dava para ver que falou com sinceridade.

- Ele deve ter liberado poder demais. Preciso examiná-lo melhor.- O anão levanta o cabelo dele e paralisa por um instante, olhando para a marca no pescoço de Orfeu.- Me deem as mãos.- Disse, voltando para o trabalho de curá-lo.

- Por quê?- Perguntamos eu e Ícaro simultâneamente.

- Vocês são magos e a magia dele foi consumida, então podemos fazer uma transferência parcial para recuperar parte da vitalidade dele.- Explicou urgentemente.- Agora me deem as mãos logo!

Acatamos a ordem com urgência e, assim que seguramos as mãos ásperas do anão, ele começou a cantarolar uma cantiga mágica. Aos poucos eu senti uma parte da minha força sair do meu corpo e fluir para o Orfeu. Minha visão escureceu e eu tive que me apoiar na mesa para não cair.

- Pronto.- Disse a voz do anão.- Agora só podemos esperar.

## Capítulo 10

De novo eu estava com a cabeça doendo, mas a novidade é que dessa vez o resto do meu corpo todo doía junto. Acho que prefiro só a cabeça mesmo.

Eu me levantei com certa dificuldade, me sentia ainda mais fraco do que quando saí da poça de lama. Minha visão estava turva mas eu olhei em volta tentando entender onde eu estava.

Conforme minha vista clareou eu pude reparar melhor no ambiente. Estava em uma casa estranha. A primeira vista parecia apenas uma casa grande mas olhando melhor eu reparei que aquela casa tinha paredes de pedra junto com as de madeira. “Essa casa deve ter sido construída com parte dentro de uma caverna” Pensei. Mas as esquisitices da casa não paravam por aí. por todas as paredes, que tinham quase quatro metros do chão ao teto, havia prateleiras cheias de diversos equipamentos mecânicos e peças soltas, em cantos espalhados tinham pinhas de equipamentos que pareciam ter tido um fim trágico e explosivo.

Eu estava sentado em uma mesa comum de madeira, o que me surpreendeu pois cada centímetro daquele cômodo parecia ter alguma parte mecânica ou eram totalmente feitos de metal. E eu que não queria saber para que servem tantas engrenagens em uma simples cadeira e não iria me arriscar a descobrir por conta própria.

Naquele momento percebi que estava sozinho naquele lugar e uma aflição se apossou de mim junto com uma pergunta. “Onde estão eles?” Ícaro e Dione não estavam lá e isso podia significar que eles não sobreviveram ao ataque do caçador de recompensas, mas eu não queria pensar nisso, essa não era uma possibilidade aceitável.

Eu caminhei até uma porta esculpida na pedra no canto direito da sala, abrindo a porta vi que ela dava em um corredor extenso. Estava começando a me sentir desesperado pensando o pior quando ouvi vozes vindas de uma porta a uns três metros na parede da direita. Corri até lá, ou melhor, tentei e falhei miseravelmente, o que resultou em uma queda. “Estou começando a achar que o chão quer muito que eu volte para baixo da terra” pensei um pouco irritado.

Passos apressados vieram até o corredor e quando olhei para cima pude

suspirar de alívio.

- Que bom. Eu não matei vocês.- Disse aliviado vendo o rosto dos meus dois companheiros de viagem.

- Você não, mas aquele ogro quase conseguiu matar todos nós.- Resmungou Ícaro, de braços cruzados e cara amarrada como sempre.

- Graças aos ancestrais você acordou.- Diz uma voz grossa e rouca.- Agora levanta daí!

Levantei em um salto pelo susto e, olhando para baixo vi o dono da voz. Um anão de cara amarrada que vestia um tipo de macacão que estava todo sujo de fuligem. Seu rosto também estava pintado de preto com exceção de duas marcas circulares ao redor dos olhos causadas pelo óculos de solda na cabeça.

- Hãã... quem é você?- Perguntei meio confuso.

- Sou o cara que salvou a pele de vocês três!- Respondeu com um tom meio orgulhoso meio irritado.- Agora venha, você está muito fraco para ficar andando por aí e esse seu tombo só provou isso.- Disse se virando e seguindo para a porta da qual ele e os irmão saíram para me socorrer.

Eu simplesmente segui eles. a sala onde ele entrou era uma espécie de cozinha, mas tinham mais máquinas por toda parte, a maioria parecia servir para auxiliar no preparo da comida. O lugar tinha uma claraboia no teto e pequenas janelas redondas pelas paredes. Na metade direita da sala havia uma cozinha cheia de engrenagens malucas, e na parte esquerda uma mesa e cadeiras cheias de engrenagens malucas também.

- Venham, sentem que a comida logo chega.- Disse o anão, caminhando para o que eu supus ser o forno.

- Agora faz sentido ter todas essas máquinas por aqui,- comentei- só um anão poderia construir tudo isso- concluí.

- Besteira! Qualquer um com prática e treino consegue fazer.- Ele disse, mas um sorriso orgulhoso estava estampado em seu rosto.- Oh, a torta está pronta!

Ele tirou do estranho forno uma fôrma que cheirava muito bem. E então eu percebi que estava morto de fome quando meu estômago fez um barulho alto. Ele riu e nos serviu a torta, que estava maravilhosa por sinal, e se sentou à mesa conosco.

Durante a refeição percebi que tanto Ícaro quanto Dione estavam muito quietos e pareciam distantes e pensativos. Pensei se deveria ter sido algo que eu fiz, e só

então eu me toquei que foi por minha causa que eles foram atacados por aquele ogro. Mais culpa preencheu meu coração e a torta pareceu menos saborosa. Dessa vez eu sabia exatamente o que tinha feito para me sentir culpado e isso só piorou as coisas.

- Então, senhor,- Disse, tentando esquecer o pensamento deprimente.- qual é o seu nome mesmo?- Perguntei.

- Meu nome é Euristo, nascido e criado em Amsetec!- exclamou sorridente. Então me dirigiu um repentino olhar sério.- E você é Orfeu, o campeão.- disse.

- Como...?- Perguntei confuso.- Como o senhor me conhece?

- A marca no seu pescoço, filho.- Disse apontando para essa marca que até aquele momento eu tinha me esquecido que tinha.- Nenhum elfo comum tem uma tatuagem assim.- confidenciou.- E parece que eu não fui o único a te reconhecer por causa dela.

- O que quer dizer?- Estava confuso novamente.

- Esses dois aqui,- Contou apontando os dedos curtos e grossos para os irmãos Damon.- eles disseram que quando aquele caçador, Ajax, encontrou com vocês confidenciou que só o tinha reconhecido pela tatuagem.

- Parece que essa é minha plaquinha de identificação.- Brinquei, mas com um tom meio deprimido.

- Senhor Euristo.- Interrompeu Dione de forma fria.- Nós estávamos te procurando desde que saímos dos arredores da capital. Uma magia nos instruiu a procurá-lo, a mensagem afirmava que o senhor estaria com uma *arma sagrada* que pertence ao Orfeu.- Disse, evitando olhar nos olhos do elfo.

- AH! Sim, sim.- Disse se levantando.- Eu guardo a arma do grande protetor a quase dez anos! E nunca vacilei ou perdi a grande arma!

- DEZ ANOS?!- Perguntei atônito.- Eu fiquei preso naquela caverna por dez anos?- Sussurrei, completamente incrédulo.- Senhor Euristo, você sabe quem me colocou lá? Ou quem eu sou?- Perguntei melancólico mas um pouco esperançoso.

Eu observei enquanto o sorriso do anão murchava e se transformava em uma expressão triste, era como se ele já esperasse isso, mas ainda assim fosse algo doloroso.

- Então você realmente não se lembra de quem é?- Questionou.- Isso não

é bom, eles disseram que havia chances de algo assim acontecer, mas isso está fora da margem de erro que eles me contaram.- Sussurrou de forma que todos ouviram.

- Então o senhor sabe quem eu sou!- Exclamei.- Me diga então!- Exigi, com as mãos apoiadas sobre a mesa e meus olhos suplicantes em sua direção.

- Filho, venha comigo,- disse se dirigindo a outro quarto.- Nós dois precisamos conversar.- Eu o segui, ansioso e nervoso com o que estava por vir.

## Capítulo 11

O que aquele maldito anão nos disse não parava de reverberar pela minha mente.

Assim que conseguimos estabilizar a energia vital do elfo e Dione deixou de ficar tonta, o tal Euristo nos levou para uma cozinha estranha e nos serviu chá.

- Onde vocês encontraram aquele elfo?- Perguntou, enquanto servia sua xícara de chá, sujando o bule com a fuligem em suas mãos.

Estava relutante, mas respondi:

- Nós o encontramos caído no meio de uma floresta perto da capital.- Respondi.

- E vocês sabem qual é o nome dele?- perguntou.

- Claro que sim.- respondeu Dione.

- E qual seria?- perguntou quando nenhum de nós disse o nome do elfo.

- Ele se chama Orfeu.- Disse, ainda relutante em contar qualquer coisa àquele velho.

Quando ouviu o nome ele paralisou e murmurou algo de forma inaudível, como se estivesse confirmando uma suspeita com aquilo.

- A quanto tempo vocês conhecem o Orfeu?- Perguntou, voltando a tomar seu chá com as mãos sujas de fuligem pintando a xícara branca de um cinza escuro.

- Não faz muito tempo.- Aquele anão parecia estar nos interrogando.- Uma semana apenas.- Contou minha irmã.

- Tá, mas agora é nossa vez de fazer um interrogatório.- Falei ríspido.- Vamos começar com o seu nome. Qual é?

Aquele velho me parecia estranho, eu desconfiava dele e das suas perguntas sobre o Orfeu.

- Meu nome é Euristo.- Respondeu simplista.

Eu e minha irmã nos encaramos, sabíamos que só poderia ser ele a quem Orfeu procurava.

- Como você conseguiu a tal *arma sagrada* do Orfeu?- Decidi perguntar.

- Então vocês sabem sobre isso.- Afirmou de forma estranha.

- É. Nós sabemos que você é quem deveria estar com algum tipo de arma que pertence ao Orfeu.- Respondi.- Agora responda a minha pergunta.

- Então tá. Me deram a arma e pediram para que cuidasse dela a uns anos atrás.

- Quem te pediu para cuidar da arma?- Insistiu minha irmã.

- Um elfo qualquer.- Era óbvio que ele estava evitando nos responder direito e não parecia ter nenhuma intenção de nos falar mais nada.

- Escuta aqui, nós fomos atacados por um ogro esquisito e quase não saímos vivos!- Respondi, lembrando do acontecimento recente com um arrepião na espinha.- E aquele caçador de recompensas avisou que alguém colocou a cabeça do Orfeu à prêmio, isso significa que acontecimentos como esse vão acontecer de novo. Então eu gostaria de saber como podemos acabar com isso logo!

- Se vocês estão tão determinados a saber eu acho que posso falar algumas coisas.- Contou com um sorriso meio amargo.- A alguns anos três elfos bateram na minha porta no meio de uma madrugada. Eles me entregaram um grande embrulho e disseram que eu deveria cuidar daquilo com a minha vida.

Ele parecia lembrar do ocorrido com amargura, como se a notícia que os elfos lhe trouxeram anos antes fosse algo pessoal o bastante para se entristecer.

- Me instruíram a esperar o tempo que fosse preciso por...- fez uma pausa e deu um suspiro.- um elfo com a descrição exata do seu amigo. Me contaram também que o homem que eu deveria esperar teria uma tatuagem com inscrições élficas no pescoço formando um círculo, então quando eu vi quem era aquele elfo precisava me assegurar de que vocês não tinham intenção de machucá-lo.- Contou, se desculpando pelo interrogatório.

Mas nós ainda tínhamos perguntas a fazer.

- E quem eram esses elfos?- Insistiu minha irmã, que cuidava da maior parte das perguntas.

- Eu realmente não sei.- Respondeu com um suspiro.- Tudo o que sei sobre ele é que eram nativos do continente dos elfos, Alfheim.

- E você não teria nenhuma ideia de quem poderia estar caçando ele?- questionou Dione.

- Não. Eu não saberia quem está atrás de vocês.- Respondeu, mas

desviou o olhar, o que me fez desconfiar da sua afirmação anterior.

- Não há ninguém atrás da gente.- Disse, apontando para mim e para Dione.- Seja lá quem for. Está atrás de Orfeu, não de nós dois.- Agora aquele homem estava me deixando nervoso.

- Então vocês não pretendem seguir viagem com ele?- Perguntou o anão, agora olhando para nós de uma forma incisiva.

- Claro que não!- Me apressei a responder.- Só o ajudamos a chegar até aqui porque também viramos para cá.- Respondi, fechando a cara.

De repente eu senti uma pontada de dúvida no que tinha acabado de dizer. Não a parte de só termos o ajudado por interesse, mas a minha afirmativa de que não iríamos seguir com ele. Um leve peso no meu coração apareceu, como se eu sentisse remorso por não irmos com Orfeu. “Não. Eu não vou com ele para lugar algum!” Pensei. “O que ele fez para nós que deixaria-nos com algum tipo de dívida com ele?” Me questionei. “Ta! Ele quase morreu para nos salvar daquele ogro maldito, mas foi ele quem nos botou naquela enrascada em primeiro lugar!” Mesmo dizendo isso para mim mesmo não conseguia achar uma real convicção no que dizia.

Olhei para a minha irmã, que parecia tão confusa quanto eu nesse momento.

- Olha, eu sei que vocês só o acompanhariam se tivessem algo a ganhar com isso e eu não tenho nada a oferecer que compensaria esse risco.- O anão me encarou diretamente com uma expressão que parecia querer demonstrar que aquelas palavras eram de coração. Uma súplica.- Mas eu peço-lhes que pensem em segui-lo mesmo assim, só até ele estar a caminho do continente dos elfos. Ele está sozinho e provavelmente mais confuso do que nunca.- contou o anão.

Eu pensava em algo para dizer, negando a proposta dele, mas quando estava prestes a dizer algo nós ouvimos um som de uma batida surda do outro lado da porta e tivemos que correr para saber o que causara aquele barulho. E, no corredor em frente a sala onde estávamos, havia um elfo caído no chão enquanto resmungava de dor. Eu estava começando a achar que Orfeu gostava de estar deitado no chão.

Nós entramos de volta na cozinha e Euristo ofereceu a Orfeu chá e comida. Eu não participei da conversa, estava mais focado em decidir se iria ou não atender ao pedido do velho anão. Só me dei conta do que acontecia ao meu redor quando Orfeu começou a gritar.

- DEZ ANOS?!- Bradou surpreso...- Eu fiquei preso naquela caverna por dez anos? Senhor Euristo, você sabe quem me colocou lá? Ou quem eu sou?- Sua expressão era triste e sofrida.

- Você realmente não se lembra de quem é? Isso não é bom, eles disseram que havia chances de algo assim acontecer, mas isso está fora da margem de erro que eles me contaram.

- Então o senhor sabe quem eu sou! Me diga então!- Suplicou, com os olhos transmitindo seu desespero.

- Filho, venha comigo,- Disse o anão indo até outro quarto.- Nós dois precisamos conversar.- E então ele e Orfeu se foram, fechando a porta em suas costas. Deixando a mim e a minha irmã sozinhos com nossos pensamentos.

## Capítulo 12

Eu segui Euristo até um outro cômodo, que parecia ser um tipo de quarto, mas aparentava estar meio abandonado pois grossas camadas de poeira cobriam a maioria dos móveis. Ele sentou se em uma das poltronas, levantando a poeira em uma nuvem ao redor dele. Sua expressão era de cansaço e ao mesmo tempo de raiva como se tivesse acabado de finalizar um projeto cansativo que não dera certo.

- Sente-se também, por favor.- Pediu Euristo, apontando para a poltrona maior a sua frente.- O assunto que vamos abordar pode ser um pouco cansativo.

Me sentei na única mobília daquele lugar que era pra alguém de estatura normal, e mais uma nuvem de poeira subiu ao ar. Queria fazer mil e uma perguntas para aquele anão, mas pensei melhor quando vi seu olhar em minha direção que apesar de estar olhando diretamente para meu rosto parecia que realmente olhava algo que não estava lá. O inventor a minha frente se endireitou na cadeira e suspirou, me perguntando logo em seguida:

- Filho, do que exatamente você se lembra?- Perguntou com um olhar triste.

Não havia muito o que dizer, mas contei de tudo que eu me lembrava. Desde o momento que eu acordei na poça lamacenta, quando os irmãos Damon me levaram para a cabana abandonada em que viviam, até quando fomos atacados por Ajax, o caçador de recompensas.

- Estranho que foi só com o ataque daquele ogro eu entendi que para recuperar as minhas memórias vou ter que trilhar um caminho perigoso.- Comentei, olhando para minhas mãos apoiadas à minha frente.- Mas eu preciso me lembrar, não importa o preço que eu pague.- Eu estava mais que determinado a me lembrar, precisava corrigir meus erros, mesmo que eu não lembrasse deles.

- Orfeu, você está mesmo tão determinado a se lembrar?- Questionou o anão, preocupado.- Tem alguém te caçando pelo seu passado e ir em busca de suas lembranças será o mesmo que caminhar direto para os braços de quem te caça.- Contou.- Você poderia simplesmente esquecer isso e fugir para longe, começar de novo, sem ninguém atrás de você, e viver uma vida tranquila. Pois eu garanto que seu passado te trará inúmeros desafios e conflitos.

Eu pensava no que Euristo acabara de dizer. Eu já tinha a impressão de que buscar minhas lembranças seria difícil mas não importava, eu tinha que fazê-lo.

- Tem mais uma coisa a qual eu me lembro.- Conteí.- Uma aldeia élfica, lá era lindo e tranquilo. Eu andava por lá, observando a paisagem e os elfos passando felizes.- Lágrimas se formaram em meus olhos, como sempre que eu me lembrava dessa cena.- De repente a aldeia estava em chamas, pessoas correndo e fugindo. Nuvens de fumaça por toda parte, todas as construções ruíam rapidamente.- Parei para me acalmar ne respirar fundo antes de prosseguir.- Eu sei que aquilo aconteceu de verdade e que foi minha culpa, de alguma forma. Posso não saber direito o que fiz de errado, mas eu causei dor à pessoas inocentes, e tenho que me redimir por isso.- Disse com convicção olhando nos olhos cor de âmbar de Euristo.

- Entendo.- disse, apoiando as costas na poltrona.- Sei que veio aqui em busca de respostas, garoto, mas não posso revelar-te o que quer saber.- Contou o anão, com uma expressão parecendo uma mistura de orgulho e melancolia, como se lamentasse pelo meu futuro próximo.- Mas posso lhe dar uma direção a seguir, e ela é o nordeste, em direção ao porto de Bastion. Não se preocupe que eu irei mandar uma carta para um velho amigo dizendo para esperá-los para o próximo navio para Alfheim.- Contou o anão, com seu sorriso de volta ao rosto, apesar de parecer um pouco forçado naquele momento.

- Obrigado, mas agora eu gostaria de pegar a minha tal *arma sagrada*. Já que minha jornada vai ser difícil, acho que uma arma pode ajudar.- Disse, com um sorriso meio sem graça.

- Ah, sim! Volte para a cozinha com os dois irmãos emburrados que eu logo encontro vocês com o que precisam!- Exclamou Euristo, parecendo animado de novo.

## Capítulo 13

Nem eu nem meu irmão estávamos muito bem.

Já fazia quase uns vinte minutos desde que Orfeu voltou da conversa com Euristo e nos contou que o anão instruiu-o a seguir até o nordeste para depois rumar para Alfheim. E nós esperávamos o inventor baixinho voltar com a arma do nosso companheiro elfo. “Quer dizer, ele não era nosso companheiro. Era um estranho que ajudamos por conveniência.” Pensei.

Nenhum de nós dois tinha chegado a uma conclusão do que fazer a respeito do pedido de Euristo. Sincerament, se até Ícaro estava em dúvida isso me fazia pensar se valeria a pena segui-lo até o porto de Bastion.

Pensando pela lógica, de forma alguma nós deveríamos ajudá-lo de novo, os riscos definitivamente não valiam qualquer recompensa que viesse. Mas toda vez que pensava nisso a fala do Euristo me vinha à cabeça. “Ele está sozinho e provavelmente mais confuso do que nunca” E com isso eu lembrava de quando fugimos do nosso país natal, Mana. O quão sozinhos e confusos eu e meu irmão nos sentimos, abandonados por todos e forçados a fugir até de nosso país.

Eu era a que tomava a maioria das decisões lógicas na dupla, era para já estar decidida a tempos. Mas agora eu tinha um grande problema para tomar a minha decisão: emoções.

Acontece que eu sentia compaixão e empatia por Orfeu, algo que eu e meu irmão não sentíamos por ninguém além de nós dois a muito tempo. E acho que nenhum de nós gostou muito disso. Se não estivéssemos amolecendo a decisão seria fácil e racional, como a maioria tinham sido desde que tínhamos dez anos. Não pensaríamos se aquilo iria prejudicar alguém, tudo o que importava era que no fim do dia Ícaro e eu estivéssemos a salvo.

Meus pensamentos foram interrompidos por um grande barulho quando uma porta a esquerda se abriu e Euristo passou por ela. Ou pelo menos eu acho que era o anão pois o que eu vi foi uma pilha de ferramentas e panos ambulante. Ela caminhou com dificuldade até a mesa e despejou tudo em cima dela.

- Aqui estão! Os melhores equipamentos de auxílio mágico que eu já construí!- Anunciou com um tom orgulhoso e as mãos na cintura.

- ããh... para que serve tudo isso?- Perguntou Ícaro.

- Eu quis agradecer a vocês dois por trazerem o Orfeu para cá em segurança. Ou mais ou menos... hehe.- ele continuou rindo até perceber que ninguém estava rindo junto.- Não gostaram da piada? Que seja! Vocês não tem humor, ein!- Ele continuou reclamando por mais algum tempo até que decidiu mostrar o que havia por baixo dos panos.

Ele retirou o pano, revelando uma dúzia de armas diferentes. Haviam de machados duplos a arcos e flechas espalhados por cima da mesa. Aquilo foi o suficiente para deixar o assunto desagradável da viagem para depois.

- Essas são algumas armas que eu fiz extras e acho que vocês vão precisar de uma forma ou de outra.- Disse olhando para mim e para Ícaro.- Bem, todas elas foram feitas com materiais que ajudam a canalizar sua magia, já que vocês não têm muito controle sobre o poder que possuem. O que estão esperando? Deem uma olhada!- Exclamou orgulhoso.

Não tinha motivos para negar o que Euristo estava pedindo, então andei até a mesa. Olhando para cada uma das armas com atenção, procurando uma que eu conseguisse manejar pois a maioria ou eram espadas e machados pesados demais para mim ou eram de longo alcance, o que com a minha mira chegava a ser perigoso. Caminhando meus olhos pela mesa eu avistei um par de adagas escondidas debaixo de um machado, eu peguei as duas e dei uma olhada.

A lâmina tinha uns vinte centímetros e o metal era de uma cor escura, com runas mágicas entalhadas na parte plana. O punhal tinha um formato circular e mais entalhes de runas, enquanto o cabo possuía revestimento de couro claro. As adagas vinham junto com uma bainha dupla para se prender no cinto também feita de couro claro.

Quando olhei para frente vi que Ícaro também havia achado a sua arma. Um arco longo e poderoso com runas pintadas em verde por toda a haste e uma aljava cheia de flechas, também com runas verdes entalhadas por sua extensão. Ele sorria satisfeito para sua nova arma.

- Euristo, qual dessas é a minha arma?- perguntou Orfeu olhando todas as armas sobre a mesa procurando pela *arma sagrada*.

- Ah, quase ia me esquecendo de te entregar ela.- Comentou o anão, se virando e indo em direção a uma das portas, entrando lá e saindo com um embrulho

enorme que parecia ainda maior em comparação ao seu tamanho.- Aqui está! Sua *arma sagrada!*

Orfeu se dirigiu ao embrulho, retirando o pano de cima dele. Uma bela espada era o que se via por debaixo do pano. Ela era longa e fina, sua lâmina tinha um formato que lembrava uma folha esticada, parecia ser mais leve e reluzente do que qualquer espada que eu já havia visto. Sua lâmina era coberta por inscrições élficas. Tinha o punho simples e arredondado, mas o cabo era adornado por pedras verdes reluzentes. O metal da lâmina era azulado e refletia um brilho dessa mesma cor. Ele levantou a espada, a analisando.

- Parece meio estranha para mim.- Comentou.- Eu esperava que fosse algo como um... Sei lá! Eu não esperava uma espada.- Disse com as sobrancelhas franzidas.

- Sua arma é uma espada.- Disse Euristo, sério.- Esse tipo de arma está impregnada de magia e se adequa ao novo dono e, aparentemente, a arma que mais deve combinar com você é uma espada.- Contou, apontando para o elfo que portava sua arma meio desconfortável.

- Então tá, parece que vou ter que aprender a lutar com espadas logo.- Disse, pegando a bainha, que eu não tinha visto até aquele momento, e guardando sua espada nela.

- Ah, tem mais algumas coisas.- Lembrou Euristo.- Essas vestes de elfo vão entregar você e esses dois parecem mendigos com as roupas esfarrapadas, então separei uma muda de roupas mais discretas e decentes para vestir e uma mochila para o Orfeu com alguns suprimentos e o mapa indicando a localização do porto em que meu amigo o esperará.

Então todos nós fomos para um cômodo diferente nos trocar, o que levou cerca de cinco minutos para mim e Ícaro. Já Orfeu levou quase quinze para terminar de se vestir e saiu de lá resmungando que aquelas roupas tinham detalhes demais.

Saindo de lá, todos pareciam estar com uma cara nova. Minhas roupas eram ótimas. A camiseta tinha uma gola em V com tiras de couro no decote. Era uma camisa de manga comprida que estava dobradas até o cotovelo. Minha calça era de couro escuro, justa, sustentada por um cinto simples onde eu preendi minhas novas armas, uma de cada lado. Eu também havia prendido meu cabelo em uma trança que caía sobre o meu ombro. E eu usava belas botas de cano médio com um pouco de

salto.

Orfeu tinha os cabelos longos presos por um rabo de cavalo, com exceção das mechas que caíam uma de cada lado do seu rosto. Ele usava uma blusa simples também de mangas longas que eram dobradas até o cotovelo. Havia luvas de couro que deixava os dedos livres. As calças eram esverdeadas e presas por um cinto largo sem nenhuma fivela e por cima dele havia outro cinto que prendia sua espada. Usava botas de cano curto.

Ícaro vestia uma camiseta igual a minha, porém com uma coloração azul bem clara. Mas ao invés de estarem dobradas até os cotovelos as mangas continuavam até serem cobertas por uma peça de couro que envolvia desde o meio do antebraço até se prender com um anel no dedo anelar nos dois braços. Sua calça vinha até os joelhos e era coberta por duas novas proteções. Ele usava botas de cano alto que deixavam uma pequena parte da panturrilha a mostra. Meu irmão também havia se dado ao trabalho de pentear o cabelo para o lado esquerdo. Atravessando seu tronco estavam presos o arco e a aljava.

- Vejo que deu um jeito de esconder sua tatuagem.- Apontou Euristo.

- Sim. Eu coloquei uma blusa por baixo que cobre até o meu pescoço. É um pouco incômodo mas é melhor do que acabar perdendo a cabeça para um caçador.- As piadas sem graça que ele fazia estavam começando a parecer engraçadas para mim.

Nesse momento me lembrei de que ele seguiria viagem e nós ficaríamos por lá. Poderíamos ir com ele, mas mesmo que meu irmão Houvesse se compadecido por ele, Ícaro já deveria estar decidido a não seguir viagem com Orfeu de qualquer forma. Eu não o culpava, depois de tudo o que passamos ele se fechou para todos, menos para mim. Eu mesma deveria não ter dúvidas sobre ir com ele, mas algo me fazia querer ir junto dele.

Bem, eu iria superar isso mais cedo ou mais tarde, o que realmente importava era meu irmão e a mim estarmos a salvo no fim.

## Capítulo 14

- Bem,- disse Orfeu, meio cabisbaixo.- acho que é aqui que nos separamos.- Forçando um sorriso ele estendeu a mão para nós dois.

Eu não confiava no elfo, isso não mudara, mas agora eu tinha empatia por ele e me colocava em seu lugar, pois já estivera em uma situação parecida. Lembrei de quando eu era mais novo e vivia nas ruas com Dione, estávamos sozinhos e confusos naquela época, só queríamos alguma ajuda e orientação. Orfeu estava nessa mesma situação agora, e eu não conseguia simplesmente ignorá-lo como gostaria.

Eu olhava para a mão estendida de Orfeu e pensava se deveria ir com ele. Por mais que eu quisesse e tivesse negado, nós estávamos em dívida com ele por salvar nossas vidas e precisávamos pagá-la.

- Abaixa essa mão, esquecido.- Disse tomando minha decisão finalmente.- Nós vamos com você.- Disse olhando para a parede.

- Vocês vão?!- Um sorriso verdadeiro e esperançoso tomava seu rosto.

- Sim, nós vamos.- Respondeu Dione, que sorria discretamente.

- Mas só vamos acompanhá-lo até o porto de Bastion.- Cortei.- Então não fique tão animado.

Parecia que nenhum deles tinha me ouvido, pois seus sorrisos continuavam tão grandes quanto antes.

Então Euristo se aproximou, me encarando com olhar agradecido. Dizendo logo em seguida:

- Que bom que vocês vão juntos!- Exclamou Euristo, juntando as mãos cheias de fuligem.- Bem, acho que quem deve se despedir agora sou eu HAHA!- Disse com um sorriso satisfeito.

- Obrigada por tudo Euristo.- Disse Orfeu se abaixando e abraçando o anão.

- Uo! Sai prá lá, eu não gosto de contato físico!- Orfeu se afastou rápido rindo meio sem graça.

- Desculpe, haha.

- Nós dois também agradecemos a ajuda e as novas armas.- Falou Dione, com um respeito real ao invés das costumeiras manipulações quando falava com a

maioria dos estranhos.

- Sim, obrigado.- Disse com certa dificuldade, mas realmente grato.

- Não se esqueçam de tomar cuidado. Não esqueçam de descansar e de preferência só durma em lugares seguros.- Disse parecendo uma mãe lembrando o filho de se precaver ao sair de casa.- Agora vocês devem ir, o navio do meu amigo parte em um mês e ele não espera por ninguém. Gostaria que ficassem mais uma noite, mas se já te acharam em uma cidade pequena, então não vão demorar a procurá-los por aqui.

- Sim, nós vamos então.- Disse Orfeu colocando a mochila nas costas e indo em direção a porta.

- O garoto, essa é a porta do banheiro!- Exclamou o anão meio impaciente.

Então Euristo nos levou por aquele labirinto de portas e corredores esculpidos em pedra de volta à loja e à porta de saída.

- Mais uma vez eu agradeço a sua ajuda.- Disse o elfo Já na rua iluminada por lampiões.

- Que nada, garoto. Eu só estava pagando a minha antiga dívida.- Disse, fechando a porta logo em seguida, não deixando brecha para que Orfeu perguntasse qualquer coisa.

Então nós seguimos caminho, rumo a entrada daquela cidade, e finalmente pude olhar em volta e me maravilhar com a magnitude do lugar. Mas eu percebi que Orfeu ainda olhou para trás algumas vezes com uma cara triste, como se esperasse que Euristo a parecesse e revelasse que sabe de tudo sobre seu passado e iria contá-lo.

Ele só deixou isso de lado quando chegamos a saída. Olhou uma última vez para trás e se virou com um brilho de determinação no olhar.

- Eu vou em busca do que me atormenta,- Disse com um olhar sério, o qual se abrandou ao olhar para mim e Dione.- E vou consertar tudo.- Contou com esperança.

- Então vamos logo. Quanto mais cedo estiver a caminho de se resolver mais cedo me livro de você.- Disse em tom de brincadeira, o que surpreendeu a todos incluindo a mim mesmo.

Orfei riu com ânimo e olhou para mim com um sorriso de gratidão.

- Sim. Então vamos logo.- Disse começando a caminhar.

- OU! Se você começar a correr do nada como da última vez, pode esquecer a nossa ajuda!- Dione exclamou enfática.- Eu fiquei com bolhas de tanto que andamos para te seguir.

- Desculpa. Desculpa, não vai ocorrer de novo. HAHA.

Orfeu e Dione começaram a rir enquanto caminhavam. Eu olhei para minha irmã e sorri também. Fazia um bom tempo que não sorríamos assim. “É, talvez acompanhar ele por um tempo valha a pena.” E eu iria morrer antes de contar esse pensamento a qualquer um.

## Capítulo 15

Já haviam passado quase duas semanas desde que estávamos a caminho de Bastion e as coisas só pioravam para mim.

Desde que saímos da cidade subterrânea eu via imagens borradas e desconexas durante a noite, o que só piorava meu sono, que já era turbulento.

Graças à tudo o que é sagrado não fomos atacados por nenhum caçador, mas isso não tranquilizou muito nenhum de nós. E algo ainda mais estranho me ocorreu no quinto dia da segunda semana.

Nós passávamos por uma pequena cidade rural e tínhamos a pretensão de passar a noite por lá, seguindo a recomendação de Euristo de não viajar pela noite. Dione usava sua lábia para conseguir um lugar onde pudéssemos dormir por um bom preço e, enquanto isso, Ícaro e eu andamos discretamente pela aldeia, tentando localizar algum caçador.

Quer dizer, ele andou discretamente enquanto eu tentava não tropeçar em uma caixa de frutas ou em uma tenda qualquer. Ser furtivo e desaparecer do nada eram a especialidade de Ícaro e a minha era fazer barulho e chamar atenção sem querer, e parece que ser desajeitado e descoordenado também eram características marcantes minhas.

- Já chega.- Disse em um sussurro meio alto.- Você vai esperar aqui do lado de fora da estalagem!- Disse, já cansado de me vigiar. Eu podia ver as veias de estresse saltando em sua testa assim como sua cara furiosa.

Então Ícaro mandou-me ficar parado lá sem mexer sequer um músculo para evitar de bater em alguém e causar um acidente enquanto ele e Dione faziam coisas úteis. Eu obedeci, pois a única coisa que me dava mais medo do que o Ícaro ainda mais irritado do que o normal era quando Dione ficava com raiva. Nesses momentos até um drakon adulto e faminto parecia amigável.

Bem, até aquele momento nada de realmente ruim ocorrera, mas enquanto estava sozinho resolvi tentar, novamente, forçar minha memória fajuta para que lembrasse de algo enquanto torcia para não ficar tonto ou desmaiar de novo.

O incomum foi que eu lembrei de algo mais específico do que alguns borrões: um rosto. Um rosto gentil de uma mulher mais velha, o que me trouxe uma paz inexplicável. Ela era também uma elfa, possuía rosto delicado e amável. Seus olhos

era como os que eu via refletidos nos lagos quando me olhava, roxos como uma bela pedra preciosa lapidada. Seu cabelo era ruivo e estava preso em um rabo de cavalo baixo que caía por seus ombros. Ela sorria para mim e dizia algo que não conseguia ouvir.

Eu abri meus olhos, que nem percebi ter fechado, e estava ofegante. Mais uma vez um sentimento ruim tomava conta de mim e eu não sabia o porque. Mas esse era diferente de quando revivia em meus pesadelos a aldeia queimando. Parecia ser luto, não ressentimento. Iria fechar novamente meus olhos para tentar ver aquele rosto novamente mas alguém chamou minha atenção.

- Orfeu, vamos entrar que já está ficando escuro.- Chamou Dione. Parecendo cansada.

- Ah... Sim, vamos.- Disse levantando logo em seguida.

Fomos para o quarto único no fim da pousada e deitamos cada um em sua respectiva cama, exaustos pelos longos dias que caminhamos e dormimos sob as árvores. Eu não tirava aquela mulher da cabeça e tive dificuldades para dormir, me revirando por um bom tempo. Mas quando caí no sono tive uma surpresa: um sonho. Na verdade era uma memória, eu acho. Eu estava em uma casinha não muito grande, era jovem, deveria ter por volta de dez anos. Eu saí e me vi naquela mesma aldeia cercada por floresta e montanhas. Corri por entre as casas rindo e batendo um galho que achei no chão pelas paredes externas das casas. Estava feliz e me divertindo sozinho até que me vi em um beco frio encarando a parede, um arrepio subindo pelas minhas costas.

Iria voltar e continuar a brincadeira quando olhei por onde eu tinha vindo e encontrei a saída bloqueada por quatro outras crianças, todos elfos com cabelos castanhos e olhos marrons ou verdes.

Não houve tempo de fazer nada, todas as crianças vieram até mim e começaram a me bater. Eu era fraco e só podia chorar e me debater. Mas quando vi um deles pegar uma pequena faca eu me descontrolei e gritei com força. As pequenas plantas ao meu redor começaram a crescer e as poças de água a se mover na direção deles. Aterrorizados, todos fugiram.

Eu caminhei de volta à pequena casa de onde tinha saído e, logo na porta, eu vi aquela mesma mulher de expressão amável, cabelos cor de fogo e olhos

arroxeados. Ela correu até mim e me abraçou, me levando para dentro da casa. Ela sussurrava em meu ouvido:

- Vai ficar tudo bem, meu amor, - Dizia com gentileza.- Mamãe está aqui e vai cuidar de você sempre.

Então eu acordei. Estava de alguma forma feliz e triste ao mesmo tempo, com um calor agradável no peito.

Me levantei e tive outra surpresa. As pequenas plantas que estavam plantadas do lado de fora de nossa janela em pequenos canteiros na noite anterior agora estavam enormes e adentraram o quarto, ocupando parte da parede em que a janela se encontrava antes e possuíam belas flores e trepadeiras.

Os irmãos Damon pareciam já estar acordados a algum tempo e me encarava com um olhar surpreso e assustado e armas em punho.

- Como você faz essas coisas?- Disse Dione de forma que parecia querer que eu não respondesse.

Nós arrumamos nossas coisas com pressa e fugimos da estalagem assim que o sol nasceu para não termos que perder tempo arrumando mais uma bagunça que eu havia feito.

Passamos quase metade o dia caminhando em silêncio. Os irmãos pareciam ainda estar assustados e eu não sabia se deveria contar a eles sobre o que sonhei. Sendo algo que nem eu mesmo sabia direito o que havia sido não acredito que teria ajudado muito naquele momento. Então preferi não puxar conversa e optando por pensar melhor no que havia acontecido.

Acho que tinha acabado de afastar ainda mais as únicas pessoas que eu conhecia e estavam a me ajudar. “Talvez eu deva ficar sozinho mesmo” pensei, melancólico. De algum jeito aquela sensação de solidão me parecia familiar e antiga. “Deve ter alguma relação com o meu sonho.” Ponderei. Realmente não parecia ser muito querido na minha antiga vida julgando pelo sonho e por ter alguém me caçando até hoje. “Isso deve ser um padrão. E está se repetindo.”

## Capítulo 16

Acordamos no fim da madrugada sentindo um poder mágico grande e desagradável.

Ícaro e eu levantamos em pulo, olhamos direto para a fonte de todo aquele poder: Orfeu. Que estava dormindo profundamente e se remexia nas suas cobertas. O poder parecia só crescer, assim como a angústia que o elfo adormecido emanava. Pensava em o que deveríamos fazer para evitar que grandes problemas viessem daquela situação quando ouvi um barulho às nossas costas.

Olhamos para as janelas e observamos ela para ser aberta de forma brusca. Vimos que plantas espinhosas e assustadoras, que cresciam de forma descontrolada adentravam nosso pequeno quarto.

Meu irmão me encarou com certo desespero e logo puxou seu arco e eu as minhas adagas. Logo estávamos prontos para começar a cortar aquelas plantas estranhas, mas vimos, repentinamente, elas regredirem um pouco. Eu reparei que a angústia que senti emanando de Orfeu sumira, dando lugar a um sentimento de calor e tranquilidade, seu poder parecia só aumentar, mas de forma agradável, fazendo as plantas perderem seus espinhos e flores belas crescerem.

Então o nosso acompanhante de viagem acordou e reparou no que tinha feito. Fugimos rápido daquela cidade antes que a dona da estalagem descobrisse o que tinha acontecido. Passamos boa parte do dia sem dizer uma palavra a mais que o necessário. Todos estávamos espantados com o que aconteceria.

Definitivamente eu estava assustada com aquele poder. “Sabíamos que os elfos tem poderes sobre diversos elementos diferentes da natureza,” Pensei comigo mesma. “mas aquele era poder demais até para uma espécie tão antiga.”

Por volta das duas da tarde fiquei preocupada demais para simplesmente continuar em silêncio, então decidi perguntar algo sobre o qual eu tinha minhas dúvidas.

-Você sabe que aquilo no quarto foi feito por você mesmo, não é Orfeu?- Perguntei, tentando não ser indelicada.

- Sei.- Respondeu.- Eu só não sei como.- Respondeu com o olhar baixo.

-Os elfos são separados em grupos com diferentes poderes, não?- Questionou

meu irmão.

- É. Somos.- Disse com um olhar fixo no chão. O que, vindo dele, podia ser para não cair, algo que ele fazia muito. Ou para evitar nos olhar.- O país todo é dividido com relação aos poderes.

Mais uma onda de quietude desconfortável se passou, até que meu irmão se pronunciou.

- Bem, talvez seja bom nos contar o que você lembra do seu país. Ninguém sabe direito como as coisas funcionam por lá.- Disse Ícaro, tentando ajudar.- E assim talvez possamos descobrir exatamente qual é o seu poder e prepará-lo para quando voltar.- Comentou meu irmão com um tom surpreendentemente amável.

- Boa ideia.- Complementei.- Que tal?

- Acho que seria bom.- Disse Orfeu, parecendo um pouco aliviado.- Bem, os elfos que pertenciam às tribos originais, que fundaram o país, só podiam controlar os quatro elementos básicos, terra, fogo, água e ar.- Contou.- As quatro maiores potências do país também são os quatro tipos de elfos que fundaram o país.

- Bem, sabemos que você não é de nenhum deles. -Concluiu.

- É. Fazer com que plantinhas bonitinhas virem quase uma floresta não parece se enquadrar em nenhum deles.

- Sim.- Disse Orfeu, tentando rir do que Ícaro diria que foi uma piada.- Bem, com o tempo alguns elfos de diferentes tribos foram se juntando e aos poucos novos poderes surgiram dessas misturas.- Comentou, colocando a mão no pescoço, sobre a tatuagem.- Isso acontece a milhares de anos e quando nasce um novo poder o seu portador se torna alguém valorizado e se torna um exemplo.

- Impressionante, você lembra de conhecimentos gerais com clareza.- Constatei.- Mas até agora você contou algumas das poucas coisas que sabemos sobre lá.- Falei.

- Haha.- Riu um pouco mais animado.- A minha espécie não gosta que compartilhem informações internas com outros países. Uma das muitas coisas que eles escondem é que desde que foi descoberto que novos poderes podem nascer, muitas famílias conceituadas fazem casamentos arranjados para que seus descendentes sejam um orgulho para a linhagem, trazendo a honra de uma nova habilidade. Às vezes, quando a criança não herda um novo poder eles a abandonam.-

Disse, ficando desanimado novamente.

- Nossa, isso é... terrível.- Disse Ícaro, desconfortável.

O silêncio retornou por um tempo, todos nós estávamos de cabeça baixa, até Orfeu quebrá-lo.

- Lá poderia não ser um lugar muito bom, mas definitivamente era lindo.- Comentou.- A natureza por lá florescia de forma tão bela.- Mudou de assunto para algo mais leve.

- Quando éramos crianças também havia flores muito bonitas no nosso jardim.- Confidenciou meu irmão com um sorriso nostálgico no rosto.- Nossa mãe adorava jardinagem e até tinha algumas plantas nativas de Alfheim.

Nós passamos as próximas horas conversando sobre algumas bobagens pouco relevantes e até Ícaro participou da conversa de forma agradável ao invés de resmungar como sempre. Caminhamos até que o horizonte já estivesse ficando avermelhado e paramos para montar acampamento em uma clareira pequena com um riacho próximo.

## Capítulo 17

Depois de conversarmos uns com os outros por mais tempo do que eu estava acostumado, nós chegamos a uma clareira. Acendemos uma fogueira e nos sentamos ao redor dela, com nossas mantas já esticadas no chão, prontas para quando fossemos dormir. Todos comemos e passamos um tempo só apreciando o céu estrelado brilhar de forma magnífica.

Eu pensava no que havia dito sobre os jardins que minha mãe cultivava. Fazia muito tempo desde a última vez que mencionara meus pais ou qualquer coisa de quando morávamos em Mana, mesmo quando falava com Dione procurava evitar o assunto, pois só nos trazia mágoas e tristeza. Mas dessa vez eu consegui falar sobre eles e não me sentir apenas triste, me senti feliz e nostálgico também e isso me alegrava.

O silêncio agradável que estávamos foi quebrado quando Orfeu decidiu se pronunciar.

- Eu tenho algo que preciso revelar a vocês.- Disse um pouco apreensivo.- Essa madrugada, enquanto fazia as plantas crescerem, eu tive um sonho...- Revelou.- Eu achei melhor não contar pois nem mesmo eu sei o que era, mas necessito falar isso com alguém.- Confessou com um olhar perdido.

Então ele contou o sonho que teve. As outras crianças o maltratando, como ele lutou e usou um pouco do poder para se salvar e da mulher que cuidou dele e o acalmou. Quando terminou de falar um sorriso sofrido estampava seu rosto e seus olhos pareciam brilhar com um misto de tristeza e felicidade. O mesmo tipo de força agradável que sentimos na estalagem pouco antes das plantas com espinhos criarem flores e regrediram.

- Orfeu,- Chamou Dione.- essa mulher do sonho era sua mãe?- Perguntou.

- Sim, ela era.- Ele parecia um pouco triste ao falar isso.- Mas eu acho que ela já se foi a muito tempo.

- Como assim?- Perguntei preocupado.

- Quando a vi em meu sonho eu sabia, de algum jeito, que ela já havia partido e que tudo o que me restaria dela era aquela memória.- Respondeu.

- Nós sentimos muito.- Falei, pensando na minha própria mãe, que também já

havia partido.- De verdade.

Ele olhou a mim e a minha irmã agradecido e sorriu, dizendo em seguida palavras que percorreram a minha mente por toda aquela noite:

- Obrigado. E está tudo bem, eu tenho dois novos e bons amigos.- Afirmou.

- Agora acho que devemos dormir.- Avisou Dione.- Já está tarde e acordamos logo que o sol raiar amanhã.

Então nos recolhemos para dormir, mas eu pensava novamente no que o elfo dissera, ele nos chamou de amigos e compartilhou seu sonho, algo muito pessoal. Repensei no que havia feito desde que acordei essa manhã. Analisando o meu comportamento era óbvio, comparando com a semana anterior, que eu estava mais preocupado e ligado ao Orfeu do que deveria.

Me levantei e comecei a pensar sobre o assunto. Nós estávamos a quase duas semanas convivendo uns com os outros e agora eu estava a deixar o homem que julguei um intruso na minha vida se aproximar cada vez mais ao invés de afastá-lo. Estava novamente confuso com esse assunto, ponderando o que deveria fazer e me atei a um pensamento que não necessariamente me confortava, mas pelo menos era para me fazer parar de pensar no assunto...

“De qualquer forma Orfeu não será parte permanente do grupo. Ele vai embora dentro de mais três semanas, quando chegarmos a Bastion, então não devo me preocupar com isso.”

## Capítulo 18

Eu não lembrava quando foi a última vez que sequer comentamos sobre nossa família. E de repente meu irmão, a pessoa mais reservada e cautelosa com relação a estranhos e que media cada ação das pessoas caminhando perto de nós pelas ruas do tanto que desconfiava, comentou com certa tranquilidade sobre algo tão pessoal.

“O mundo está de cabeça para baixo mesmo.” Confirmei.

Mas, perto da meia noite, quando Orfeu já estava dormindo, Ícaro se levantou e demonstrava claro desconforto. Ele tirou o anel que carregava no indicador que pertencia a nosso pai. Eu também me levantei, tocando o anel que eu mesma levava, o anel de casamento da nossa mãe. Nos encaramos sobre a fraca luz da lua.

Não sabíamos nenhuma magia para ler mentes, mas entre nós isso não era necessário. Eu sabia que ele estava com medo de se abrir para aquele novo e estranho companheiro. E sei que ele viu esse mesmo medo refletido nos meus olhos. Não havíamos convivido tanto tempo assim com ninguém além de nós já fazia longos anos.

Tantos pensamentos e uma dúvida sempre restava em nossas mentes sincronizadas: *Devemos contar a ele?* Essa era a dúvida cruel. Em tanto tempo vivendo da forma a qual vivemos era fácil aprender que demonstrar sentimentos reais significava apenas duas coisas. Ou era um sinal de fraqueza que poderia levá-lo a morte ou uma demonstração de extrema confiança na pessoa.

Orfeu não parecia ser exatamente alguém durão ou que foi realmente maltratado pela vida, mas também não era burro o bastante para que não houvesse percebido que revelar o que sentia não era uma boa ideia na maioria das situações. Então a conversa sobre a noite passada só poderia significar que ele confiava na gente o bastante para compartilhar suas poucas lembranças.

No fundo, tanto eu quanto Ícaro sempre quisemos compartilhar o que sentimos por tudo o que nos aconteceu, mas achamos melhor evitar o assunto para que não desabasse em lamúrias e lamentações. *Talvez tenha chegado a hora.* Conteí a meu irmão pelo olhar. Ele desviou os olhos e suspirou, se deitando em seguida. Isso encerrava o assunto por aquela noite, pensámos nisso amanhã.

Durante todo o tempo, desde que levantamos até chegarmos ao aglomerado

de ogros e duendes, que era a cidade mais próxima, nenhum de nós conseguiu olhar para o elfo alegre que nos acompanhava. Obviamente ainda não havíamos tomado uma decisão e quanto mais amigável Orfeu parecia menos eu tinha certeza de o que fazer com relação a isso.

- Orfeu.- Chamei, ainda sem olhá-lo.- Você precisa arranjar novos mapas. Ícaro vai atrás de alguma comida, a nossa está acabando e por aqui você consegue as coisas a preços baixos. Eu vou à loja de penhores para ver se consigo vender algumas das joias que achamos por aí.- E assim nos dividimos.

Não demorei em conseguir um bom preço pelos objetos que Ícaro conseguiu roubar com o duende na lojinha. Depois segui para o local que havia marcado com os dois para nos encontrarmos antes de seguir viagem. Então eu estava parada embaixo da tenda de um vendedor de frutas e esperei, e esperei, e esperei...

Aquilo já era um absurdo. Eu estava esperando a quase vinte minutos e eles não apareciam. Ícaro poderia não ser bom em negociar ou mesmo em conversar, mas nem mesmo ele demora quase meia hora comprando um punhado de comida. Com minha impaciência subindo a cabeça eu só pensava na bronca que daria nos dois bocós por me deixarem esperando tanto tempo com o clima tão quente!

Sendo assim, eu não percebi que a pequena ruela estava deserta e que duas formas distorcidas e desagradáveis se aproximavam de mim. Olhei novamente para frente, tentando avistar os dois homens que estava esperando e fiquei feliz quando avistei duas figuras se aproximando. Essa felicidade logo se foi quando percebi o que eram aqueles à minha frente.

Virei-me para fugir, mas já era tarde. Outra figura estava a minha frente e não houve tempo de reagir antes que uma pancada em minha cabeça fizesse com que eu desmaiasse.

Acordei em um lugar escuro com paredes de madeira. Estava amarrada e sem minhas armas e suprimentos e, por mais que eu tentasse, não conseguia me soltar. A dor extrema em minha cabeça me impedia de pensar com clareza, mas consegui distinguir uma voz vinda do cômodo a frente.

- Você acha que vou me contentar com sua garantia estúpida de que eles virão atrás dela?!- Dizia uma voz crepitante, parecendo vir através de fogo.

- Eles virão atrás da garota! Se não acredita em mim não deveria ter me deixado com esse trabalho!- Respondeu uma voz grossa e clara em tom de desaforo.

- Não ouse me responder! Fui eu quem te deu a segunda chance que você precisava, e posso tirá-la com facilidade!- Respondeu a voz crepitante, parecendo irritado.- A não ser que queira ser mais um dos meus experimentos mágicos é melhor trazer aquele elfo para mim logo.

- S-sim, Senhor.

Não sabia o que estava se passando, mas esperava que meu irmão chegasse logo, pois tinha a impressão de que se eles não viessem quem viraria uma cobaia de experimentos mágicos seria eu.

## Capítulo 19

Durante aquela noite eu tive outro sonho. Mas desta vez era apenas um sonho, não uma lembrança. Sonhei novamente com minha mãe. O eu de hoje chegava em casa e encontrava ela preparando algo na cozinha. A chamei mas ela não respondeu, chamei de novo e a ouvi pedindo para que eu me sentasse a mesa e esperasse. Então ela fala da cozinha:

- Meu filho, ainda não é hora de conversarmos.- Disse em um tom gentil, mas triste.- Não se preocupe, estarei aqui quando precisar de mim.

Eu acordei confuso. “Que sonho estranho!” Pensei.

Olhando em volta, pude observar que a fogueira que acendemos ontem tinha se apagado. O sol começava a aparecer por de trás das montanhas e os irmãos Damon continuavam adormecidos. Me levantei e já fui arrumando as coisas, tentando não derrubar nada nem fazer muito barulho.

Quinze minutos depois o sol já havia nascido e brilhava anunciando a hora de partirmos. Ícaro e Dione acordaram e se arrumaram para seguir viagem. Nós continuamos seguindo para o nordeste em direção ao famoso porto de Bastion, mas algo estava errado. Eu percebi que os irmãos estavam mais quietos do que o normal. Ícaro não havia reclamado de acordar e Dione não tinha brigado com ele e, parando para pensar, nenhum dos dois tinham me dirigido uma palavra sequer desde que acordamos.

“Talvez seja só sono!” Pensei. “Estamos andando muito esses dias para compensar o que andaríamos a noite.” Então seguimos em frente e, apesar de desconfiado e um pouco preocupado, nada falei. Andamos até chegarmos a uma pequena aldeia habitada por ogros e duendes onde reabastecer íamos alguns suprimentos antes de continuar a rota do dia de hoje.

Chegamos em um centro comercial onde nos separamos, cada um responsável por procurar um tipo de coisa. Eu fiquei por conta de comprar mapas novos das grandes cidades que estavam no caminho para podermos nos localizar melhor, já que nenhum de nós sabia algum feitiço de localização.

Consegui negociar com o ogro dono da loja e ele me vendeu os mapas com um belo desconto. “Espere só até eu contar a Dione o quanto consegui economizar!”

Pensei. “Não se passa duas semanas inteiras com Dione Damon sem se aprender uma ou duas coisas sobre enganar as pessoas.” Estava orgulhoso de mim mesmo e deixava a loja de mapas para encontrar com os irmãos.

Andando até a loja em que Ícaro se encontrava notei que ele e o dono do estabelecimento não estavam se dando muito bem.

- Como você quer que eu te de cinquenta por cento de desconto em um produto novo?!- Exclamou o duende de cara amarrada e mãos na cintura.

- Novo?!- Respondeu meu colega, parecendo mais irritado do que o vendedor. Conseguia até ver a fumaça saindo de suas narinas.- Essa porcaria está, no máximo, velha!

- Se você acha tão ruim por que quer comprar?!- Retrucou.

- Quer saber esse lugar aqui é uma b...!- Achei que aquele era o momento de intervir.

- OPAA!- Gritei.- Desculpa, senhor. Meu amigo aqui está um pouco irritado hoje, sabe, acordou do lado errado da cama. Haha.- Tentei aliviar a barra dele com uma piadinha.

- Hum. Tudo bem, mas tire esse stressadinho da minha loja!

- Haha. Sim, senhor, agora mesmo.- Disse arrastando Ícaro para fora da loja antes que ele pulasse no pescoço do velho duende por ter o chamado de stressadinho.

- Hum. Eu não precisava da sua ajuda!

- Não? Quase que você matou aquele cara!- Suspirei. Definitivamente eu preferia quando eles que tinham que me tirar de uma loja antes que causasse mais problemas.

- Que seja! Vamos achar Dione e dar o fora daqui.- Disse arrumando o arco e a aljava em suas costas.- Odeio essa cidade.

- Ótimo, vamos atrás dela.- Me foquei no assunto mais importante.

Nós andamos até a loja onde Dione deveria estar nos esperando, mas parecia que tínhamos chegado antes. Convenci a pilha de nervos ambulante a esperar um pouco, pois a irmã poderia estar apenas terminando de negociar com os vendedores. E ficamos lá por alguns minutos até que Ícaro me chama.

- Orfeu,- Chamou com um olhar assustado.- as adagas da Dione.- Avisou

apontando para trás de um dos barris ao nosso lado.

Foi quando eu notei que realmente as armas dela estavam jogadas lá, assim como sua mochila e compras. Me levantei e olhei melhor em volta. O chão de terra aos nossos pés continha muitas marcas de pegadas e algumas mais profundas do que no resto da rua. Elas estavam sobrepostas umas às outras como se alguém tivesse se debatido.

- Isso não é um bom sinal.- avisei.

- Dione foi sequestrada.- Disse Ícaro com a expressão em completo terror e pânico.

## Capítulo 20

Como eu fui deixar isso acontecer? Como eu pude ser tão desatento e descuidado? agora minha irmã foi sequestrada por causa da minha confusão e eu não sabia o que fazer.

Me abaixei e peguei suas adagas. Dei um passo e estava prestes a sair correndo quando Orfeu me segurou.

- Aonde você pensa que vai?- Perguntou ainda segurando meu antebraço.

- Procurar minha irmã!- Respondi com raiva.- O que você acha que vão fazer com ela se eu demorar!- Me soltei.

- Eu sei o que pode acontecer com ela.- Respondeu me encarando de forma profunda e determinada.- Mas se simplesmente sairmos por aí procurando por ela de forma tão aleatória não a acharemos nunca.- Disse sério.

- Então o que você acha que podemos fazer?!- Exclamei com o desespero e angústia só a crescer em mim.

- Primeiro precisamos nos acalmar. Se estivermos de cabeça quente nada que fizermos vai ajudá-la.- Disse.

Respirei fundo, pensando apenas em como iria matar aquele elfo se não achássemos minha irmã a tempo. Eu não acreditava que ele, o palhaço mais atrapalhado que eu já havia conhecido, é quem estava mantendo a calma agora.

- Ícaro, nós precisamos saber o mais rápido possível onde está Dione. E para isso preciso que você faça uma magia de rastreamento.- Explicou.

- Eu não sei fazer isso!- Retruquei.- Nem consigo controlar minha magia para algo além de afiar minhas flechas.

- Sabe sim. Isso faz parte de você como um mago.- Disse.- E como seu laço com a sua irmã é forte você apenas precisa usá-lo.

- Como?- Perguntei, já desesperado e disposto a acatar qualquer ideia maluca que viesse.

- Eu aprendi que a magia vem de dentro de nós e se manifesta principalmente através de fortes emoções quando não se aprendeu a controlá-la.- Contou.- Agora pense em Dione, foque em saber onde ela está. Use sua preocupação e desespero.

- Isso não vai funcionar.- Disse a beira das lágrimas.

- Não posso mesmo garantir que vai, mas tentar é o melhor que podemos fazer agora.- Disse convicto.

Como eu disse: Estava disposto a tentar qualquer plano maluco para ter minha irmã de volta.

Então eu fechei os olhos, me concentrei no poder mágico que eu sabia possuir e pensei em minha irmã. Precisava dela, pois esse mundo já havia me tirado demais, ela era toda a família que me restava. Eu senti uma parte da minha energia fluir para meus olhos e, quando os abri, vi claramente a minha frente uma linha azul escura conectada ao meu peito que segue pelas ruas até desaparecer em uma esquina.

- Eu acho que consegui.- Conteí.- Precisamos ir.- Disse me virando para Orfeu com o olhar mais determinado que eu pude.

- Sim, vamos.- Confirmou.

Nós dois seguimos rapidamente aquela linha, comigo andando a frente. Nunca tive tanta pressa em toda a minha vida, nem para fugir de Dione quando estava brava. Dobramos esquinas, subimos escadas, passamos por becos, ruas e atravessamos várias pontes antes de chegar a uma parte isolada da cidade, onde víamos apenas uma estrada que seguia em direção a uma pequena cabana cercada por árvores, ao longe. O fio se estendia até a porta do casebre. Andamos até chegarmos a pouco mais de dez metros da pequena cabana.

- É aqui que ela está.- Afirmei.- Vamos!

- Espera.

- O que foi agora.- Respondi de forma abrupta.

- Seja lá quem capturou Dione deixou isso muito fácil.-

- Fácil? Quase que nós não achamos esse lugar!

- Sim, mas veja.- Apontou para os arredores.- Não tem nenhum tipo de armadilha ou outros tipos de proteção e a porta nem está trancada.

Por mais que eu estivesse desesperado para achar minha irmã, o elfo estava certo, aquilo estava suspeito. E para tornar a situação ainda mais estranha eu senti um poder estranho vindo da cabana. Parecia familiar, mas não era Dione, aquele poder era ameaçador e imponente.

Tentava desesperadamente lembrar de onde conhecia aquilo. Mas quando finalmente entendi o que estava atrás daquela porta já era tarde para avisar Orfeu. A

porta da cabana se abriu em um segundo e, de repente, eu fui empurrado pelo elfo para perto das árvores e para longe da cabana.

- Ora, ora, ora!- Gritou a imensa figura de Cerus Ajax passando abaixado pela porta.- Vejam quem resolveu aparecer! Onde está aquele pequeno mago magricela?

- Devolva a garota, Ajax!- Respondeu Orfeu, já com a espada empunhada a sua frente.

- Ah, Você fala da irmã do magrelo? - Ele riu de escárnio.- Porque se preocupa com ela sendo que você mesmo está cercado e impotente.

Orfeu olhou rapidamente ao seu redor e eu também procurei por alguma ameaça e vi algo que me aterrorizou. Os duendes que Ajax levava consigo quando nos encontramos anteriormente agora estavam corrompidos por magia negra. Agora as, antigamente frágeis, criaturas estavam com o tamanho de um humano e possuíam mãos enormes e desproporcionais com garras longas e pontiagudas nas pontas de seus dedos. Por todo os seus corpos haviam rachaduras com um líquido verde vibrante escorrendo.

- Ajax,- Disse orfeu, provavelmente visualizando que não teria chances de vencer.- Eu proponho um acordo.

- Qual seria esse acordo.- Disse o ogro, empunhando seu chicote novo e com pequenas lâminas por toda a extensão da corda, coçando o queixo.

- Eu me entrego sem nenhuma resistência,- Contou abaixando a espada levemente.- E você deixa a garota e o irmão irem embora ilesos.- Propôs.

Aquilo me pegou de surpresa. Tudo bem reagir na hora e se arriscar, como da última vez, mas simplesmente se entregar para que nós saíssemos vivos era algo que eu não tinha esperança que nenhum ser vivo com amor próprio faria por alguém que não é da família.

- Essa proposta parece tentadora.- Respondeu o caçador.- Mas como você é quem está em desvantagem eu acho que vou negar a oferta generosa.- Disse com um sorriso maldoso no rosto.

O que aconteceu em seguida se passou em um piscar de olhos. Os duendes de Ajax partiram para cima de Orfeu e o terror me invadiu mais rápido do que um grifo mergulhando no ar. De repente eu, instintivamente, peguei meu arco e armei uma flecha banhada em magia e atirei, mirando em um dos duendes corrompidos, que

caiu com força no chão. Esperava que ele não levantasse logo apesar de saber que não havia morrido.

Enquanto isso, Orfeu partiu para cima do outro, o decapitando em um golpe preciso. E Ajax só observando à distância a diversão. Ele dirigiu um olhar em minha direção que dizia claramente o que eu deveria fazer: “Vá atrás da sua irmã. Eu vou atrasá-lo!”

Eu não queria deixá-lo lá para enfrentar aquele monstro sozinho, mas precisava confiar nele e me concentrar em salvar Dione. Então eu me esgueirei o mais furtivamente que conseguia pelas árvores até a parte de trás da cabana, onde achei uma janela aberta pela qual eu entrei. O cômodo era pequeno e tinha apenas uma porta na parede oposta, a esquerda. No meio da sala estava Dione, amarrada e desacordada.

Eu me apressei até ela e a soltei usando as adagas. Segurei seus ombros e balancei de leve, tentando de todas as formas acordá-la. “Não podem me tirar a única pessoa que me resta.” Implorava a qualquer um enquanto sentia as lágrimas se formando nos meus olhos. Então ela se mexeu e acordou.

- Dione!- Disse aliviado.- Não temos muito tempo. Aqui, suas adagas.- Disse.

-O que...?- Perguntou.

-Levanta, não temos tempo, mas, basicamente, Ajax te sequestrou e eu e Orfeu viemos te buscar.- Avisei, abrindo levemente a porta que dava para outro cômodo e espiando por entre as janelas da frente.- Orfeu está lá na frente distraído o caçador.- Disse apontando para as janelas, por onde se via Ajax e Orfeu lutando.

Dione observou enquanto processava o que acontecia. Quando ela se virou para mim com um olhar assustado eu disse:

-Temos uma escolha a fazer.- Contei.- Podemos fugir enquanto ele distrai aquele cara, ou ir ajudá-lo.- Informei, pensando que aquela era uma das decisões mais importantes que nós teríamos que tomar.- Então, o que faremos?- Perguntei.

## Capítulo 21

Parece que o caçador de recompensas ficou decepcionado por seus servos corrompidos terem sucumbido tão fácil.

-Aah! Você acabou com o show!- Exclamou, estendendo seu desagradável chicote farpado.- Parece que vou ter que te enfrentar de novo, mas, desta vez, não se preocupe, pois irá ser derrotado por mim!

Eu queria responder, mas não houve tempo. Ele atacou em um piscar de olhos, desferindo golpes múltiplos contra mim. Desviei de todos por muito pouco e, sendo sincero, não sabia como poderia enfrentá-lo, pois nem sabia como brandir minha espada. Então fiz meu melhor para tentar vencer do ogro pelo cansaço, não fazendo tentativas de ataque, apenas desviando o melhor que eu pude da corda espinhosa que ele balançava.

Mas, por mais que eu desviasse, estava me cansando rápido, o que não fazia parte dos meus planos. Como Ajax era um ogro, deveria estar se cansando mais rápido que eu. Parecia até que ele estava a roubar minhas forças a cada movimento. Conforme ele aumentava a velocidade dos ataques eu diminuía a dos desvios, e pouco a pouco o chicote cortante me acertava cada vez com mais frequência.

Ao mesmo tempo que distraía o caçador tentava levá-lo para longe da cabana, para que os irmãos pudessem fugir. Mas eu estava dividido com relação aos irmãos Damon. Por parte eu queria que eles fugissem para não serem mortos, mas outra parte minha, a qual eu repreendia, esperava que eles voltassem para me ajudar.

Pensar demais no meio de uma luta cobra seu preço, e nesse caso foi um dos golpes acertaram o meu tronco na lateral esquerda com força, dilacerando o que estava em seu caminho. E aquele foi o golpe final para minha energia. Eu já não conseguia me manter em pé e minha visão estava se turvando, sentindo que, definitivamente, minha energia estava sendo drenada. Aos poucos vi Ajax se aproximar com uma expressão de desprezo.

-É, parece que drenar a força do oponente com aquele artefato funcionou.- Disse chegando perto de mim, socando minha barriga e me fazendo largar a minha arma.- Veja! Nem a própria espada consegue segurar!- Debochou.- Sabe, aqueles dois magos são bem interessantes. Vou adorar poder matá-los.- Confidenciou.- E farei isso logo após matar você. Só espero que eles me deem uma luta melhor do que

a qual você me proporcionou. Decepcionante.- Falou com desdém.

Já não conseguia sentir a presença mágica dos irmãos, então a essa altura Dione e Ícaro já estariam longe o bastante dali, eu esperava, e não teriam de passar por se lá o que Cerus houvesse preparado para eles.

Então encarei meu destino olhando os olhos de Ajax. Ele tinha uma grande faca em mãos, a qual posicionava em meu pescoço para o golpe final.

- Adeus *Grande protetor*.- Disse.

Eu fechei os olhos e esperei que a dor viesse e anunciasse meu fim, mas ela não chegou. Ao invés disso, o que se decorreu foi uma surpresa para mim. De repente eu senti novamente a presença dos irmãos, e eles estavam próximos. Abri os olhos a tempo de ver uma das flechas de Ícaro acertar o braço que segurava a faca em meu pescoço, que se afastou rapidamente e arrancou o projétil.

- Ora, ora. Vejam quem resolveu dar as caras.- Disse o ogro.

Eu continuava fraco e desorientado, mas pude perceber que Ajax se adiantou e atacou um ou dois novos oponentes, que conseguiram desviar, com Ícaro lançando o máximo de projéteis que pôde, o que, infelizmente, não causou muito dano na pele grossa do inimigo. Enquanto tentava me erguer para lutar, me apoiando na espada, vi os dois duendes, que eu pensei estarem mortos, segurando os irmãos enquanto Ajax se preparava para açoitá-los.

Minha visão clareou por um momento e eu percebi os olhares tanto de Dione quanto de Ícaro, que diziam: *Nós voltamos por você*. Eles pediam por um resgate, pois agora eles só podiam contar comigo.

Eu sabia o que precisava fazer. Precisava despertar meu poder mágico, e não saber como fazer isso não era uma desculpa. Aqueles dois confiaram suas vidas a mim e eu precisava honrar isso e retribuir o favor de terem salvo a minha.

Durante aqueles segundos em que tentava, sem sucesso, dominar o meu poder eu estava tentando seguir o meu próprio conselho: usar os sentimentos como guia. Mas, por mais que eu pensasse não conseguia sentir nada além de desespero. Por algum motivo lembrei da minha mãe, e da única memória que tinha dela.

Eu sabia que ela estava morta e não queria que isso acontecesse com os meus novos amigos, precisava protegê-los a todo custo, pois eram tudo o que eu tinha a não ser dúvidas e lamentos sobre um passado do qual eu mal me lembrava. "Eles são a única parte boa desse inferno." Pensei.

“*Se pensa assim.*” Disse a voz de minha mãe de repente.” *Use isso, este sentimento vai guiá-lo. Salve-os, meu filho.*” Disse a voz gentil, me aconselhando. Queria entender como eu podia ouvi-la naquele momento, mas não havia tempo para me desconcentrar da luta.

Então, como se só estivesse esperando essas palavras, eu senti minhas forças voltarem, indicando que o feitiço que a sugava havia sido quebrado. Meu poder se manifestar. As árvores começaram a tremer, suas folhas caíam em massa, e suas raízes, agora cobertas por espinhos, se projetavam da terra e cresceram até prender os duendes, que soltaram os irmãos na mesma hora, tentando livrar a si mesmos do que os prendia.

Ajax então se virou para me encarar, de boca aberta e surpreso. Eu o ataquei antes que ele pudesse dizer algo.

## Capítulo 22

Apesar de realmente achar que aquela havia sido a decisão certa eu começava a me arrepender de ter tomado esse caminho.

Logo após impedirmos aquele brutamontes de matar Orfeu, Ícaro e eu tentamos recuar para tentar bolar alguma estratégia que nos fizesse vencer Ajax mesmo com o elfo incapacitado, o que não ocorreu. Assim que nos afastamos alguns metros os dois duendes, que eu não tinha visto até agora, apareceram do nada logo atrás da gente, nos desarmando e prendendo com seus braços desproporcionais e pesados.

As figuras distorcidas nos carregaram até seu mestre, que segurava o braço logo onde a flecha o acertou. Orfeu continuava sangrando no chão e tentando, em vão, se levantar.

- Então vocês dois voltaram pelo elfo fracote ali?- Disse Ajax.- Não esperava isso de dois mercenários fugitivos.- Ele continuou.- Sabe, da última vez que nos encontramos tiveram sorte de me pegar desprevenido, mas agora eu estou mais do que pronto para enfrentar fracos como vocês. Principalmente com a ajuda disso aqui.- Contou, retirando um totem entalhado em madeira no formato de um demônio e com runas por toda a peça.

- O que é isso?- Meu irmão se arriscou a perguntar. Era claro que aquele objeto era mágico e drenava o poder de quem estivesse muito perto.

- Isso foi um presente de um colega meu. Ele disse que só precisava carregá-lo comigo que dá próxima vez que enfrentasse o elfo eu definitivamente venceria.- Ele brincava com o totem em suas mãos e ria de nós.- Parece que funcionou, pois o seu amigo caiu mais rápido do que a minha avózinha... hahaha.

Enquanto ele se gabava da luta com Orfeu eu pensava em como poderia quebrar aquele encantamento sanguessuga. Era óbvio que, mesmo que Orfeu conseguisse se levantar não venceria, pois seu poder ainda era drenado constantemente. Então algo me ocorreu em um estalo. “Se esse totem drena a magia porque eu e Ícaro ainda estamos com nossas reservas de magia cheias?” Me questionei. “Talvez só funcione com um de cada vez.” Conclui. “Então tudo o que preciso fazer é tentar redirecionar para quem o encantamento se liga.”

Olhei para meu irmão, tentando fazê-lo entender o meu plano. Mas só olhares não funcionam com uma idéia tão complexa. Eu precisava literalmente falar o meu

plano de forma que o caçador não entendesse minhas intenções.

- Então...- Comecei.- Esse item só pode roubar de uma pessoa por vez, não é?- Ajax pareceu um pouco confuso, então aproveitei a brecha para continuar.- É que eu não estou sentindo nada de diferente e minhas reservas mágicas estão cheias.

- Ahh... Sim, você está certa. Mas eu nem vou precisar tomar seus poderes, os derrotarei com facilidade mesmo que ainda possuam sua magia.- Afirmou.

- Mas, com uma capacidade tão fraca, podendo só tomar de um por vez, não acha que esse objeto é muito frágil?- Questionei.- Quer dizer, sabe, não seria fácil bloquear ou *desviar* o encantamento?- Olhei para Ícaro, esperando que ele tivesse entendido. Um brilho de esperança surgiu nos olhos de meu irmão, mostrando que tinha compreendido.

- É, seria fácil de causar alguma interferência.- Atiçou Ícaro que, assim como eu, começava a direcionar poder para burlar o encantamento do totem.

- Não! Ele me garantiu que iria funcionar!- Exclamou.

- Funcionar sim.- Cortei.- Mas e quanto a resistência? Será que aguentaria se interferíssemos?

- Já chega! Vou matá-los de uma vez e o elfo também, assim logo a recompensa será minha!- Exclamou Ajax, parecendo transtornado.

Ele armou o chicote, pronto para nos açoitar. Mas já era tarde, pois nosso plano havia funcionado, nós desviamos o feitiço, que agora consumia a magia negra dos duendes. Com isso Orfeu se levantou, sua magia crescia ao mesmo tempo em que as árvores e matas começavam a se agitar, até mesmo a água nos barris a frente da casa tremiam com o movimento dentro deles.

Em questão de segundos, raízes espinhosas prendiam os duendes, que nos largaram e nós recuamos rapidamente, recuperando nossas armas. Então Orfeu, que antes estava de cabeça baixa e apoiado na espada, ergueu a cabeça de forma ameaçadora e partiu para o ataque em um piscar de olhos.

Apesar de querermos ajudar na luta contra Ajax, antes precisávamos nos livrar dos duendes, os quais já se livravam das plantas e iam em nossa direção. Tanto Ícaro quanto eu estávamos com pouquíssima magia devido a quebra do feitiço do totem e agora precisaríamos nos virar com o pouco que tínhamos. Levantei minhas adagas e parti para cima do duende a minha direita enquanto Ícaro lançava flechas a distância

contra o que estava à minha esquerda.

- O núcleo, Dione!- Exclamou meu irmão.- Precisamos atingir o núcleo da corrupção que está na cabeça deles!

Balancei a cabeça afirmando que tinha entendido e então tentei concentrar meus golpes mais para cima. O duende parecia ter entendido, pois começou a proteger a cabeça, mas eu sabia o que poderíamos fazer para vencer. Então gritei:

- Troca!- Sabia que Ícaro entenderia então desviei do golpe do duende e corri em direção ao outro corrompido.

O duende que se concentrara em mim não percebeu que a mira de meu irmão agora havia mudado para ele e assim ele levou uma flechada na testa. Enquanto isso eu pulei nos ombros do outro monstro e o atingi direto com as duas adagas no topo do crânio, e ele caiu direto para a terra.

Tanto eu quanto Ícaro estávamos exaustos e sem fôlego, nos olhamos para ter certeza de que estávamos os dois inteiros e constatando, aliviados, que nenhuma parte importante de nossos corpos estava faltando.

Mas aquele pequeno momento de calma foi interrompido por um urro de dor que ecoou tão alto quanto se pode imaginar.

## Capítulo 23

Durante quase toda a minha luta contra Ajax, eu não pensei em mais nada além do presente. Desviar de golpes e atacar era meu único foco.

Como ataquei primeiro, consegui pegar o caçador com a guarda baixa e, assim, pode desferir uma série de golpes com a minha espada. Eu agradecia que ela fosse tão leve pois não teria força para empunhá-la naquele momento se pesasse como uma arma normal.

Eu me foquei no ataque com a espada enquanto direcionava as plantas, que pareciam surgir da minha pele e minhas roupas e cobriam meu rosto e roupas, se enrolando à mim, me protegerem com barreiras de galhos e raízes que se formavam assim que percebia um golpe vindo de Ajax. Dessa forma eu atacava sem piedade, queria acabar com aquele homem que ousou machucar aqueles dois irmãos.

Meu oponente era habilidoso, mas logo que achei a brecha perfeita e golpееi com força o braço esquerdo dele, que caiu no chão já separado do resto do corpo musculoso e verde de Cerus Ajax, o qual bradou em agonia. O grande caçador de recompensas agora estava de joelhos e me olhava apavorado e segurando o que sobrara de seu membro superior.

Posicionei a lâmina de minha espada contra o pescoço dele, pronto para mandá-lo para o mundo dos mortos. Mas, novamente, a voz de minha falecida mãe se manifestou. *"Meu filho, deixe-o ir. Você não merece esse fardo desnecessário em seus ombros."* Eu imediatamente abaixei minha lâmina e, ainda com o olhar sombrio, disse:

- Vá embora!- Exclamei.- E não ouse me procurar novamente.- Avisei.

Ele não precisou de outro aviso. Saiu correndo e tropeçando até que não pudesse mais ser visto por nenhum de nós. Aí Ícaro e Dione se manifestaram.

- Orfeu?- Chamou o garoto alto.

- Você está bem?- Perguntou a mais nova do grupo.

Foi apenas neste momento que entendi o que eu teria feito com o caçador de recompensas se minha mãe não tivesse me impedido. Abaixei o olhar para minha espada e os mantive lá.

- Estou. Parece que as plantas fecharam as minhas feridas mais graves.-

Comentei ainda sem olhá-los. Essa situação era muito pior do que o que aconteceu na estalagem.- Já está escurecendo, acho melhor ficarmos nessa cabana por hoje.

Passaram se algumas horas e todos já tinham feito curativos e reunido nossos suprimentos, que estavam mais inteiros do que eu esperava. Dione e Ícaro tentavam falar comigo de tempos em tempos, mas eu não conseguia respondê-los agora. Minha cabeça era um turbilhão de perguntas e lamentos novamente.

A minha lista de perguntas tinha adquirido um novo tema para sua extensa quantidade de tópicos e questões: “Por que e como minha mãe apareceu naquela batalha? E se o que eu teria feito com Ajax antes dela me impedir era algo que eu costumava fazer antes de esquecer de tudo?” Minha intuição dizia que a resposta para a segunda pergunta era não e isso só piorava as coisas.

Minha auto reflexão foi interrompida quando Dione serviu o jantar.

-Aqui.- Avisou, me entregando uma tigela de ensopado.- Cuidado que está quente.

-Hum.- Concordei com a cabeça.

- Orfeu,- Chamou Ícaro.- obrigado por nos salvar.- Disse com um sorriso no rosto.

- Eu... Me desculpem por causar mais problemas.- Falei.- E eu que agradeço por voltarem para me ajudar.- Confessei olhando para os dois.

Eles me olhavam com expressões verdadeiramente preocupadas, mas ao mesmo tempo agradecidas. Mas, ainda que eles não ligassem para o fato de que eu quase matei alguém, o acontecimento recente ainda me corroía.

- E eu... Me desculpe por perder o controle mais cedo.- Pedi.- Eu estava com tanta raiva pelo que Ajax ameaçou fazer com vocês, tanto que tudo o que eu queria era impedir que houvesse qualquer possibilidade de que ele cumprisse o que prometeu.

- Você fez o que tinha de fazer.- Afirmou Ícaro.- E, no final, você não o matou.

- É, então não precisa ficar com peso na consciência.- Confirmou Dione.

-Obrigado.- Disse com lágrimas de alívio nos olhos. Mas ainda havia um assunto que precisava ser falado.- Tem mais uma coisa que preciso falar para vocês.- Comentei sério.

- O que foi Orfeu?- Perguntaram os dois ao mesmo tempo.

- Durante a luta eu ouvi a voz da minha mãe, em alto e bom tom, me dizendo o que fazer.- Confessei.

- Mas você não disse que ela estava...- Ícaro escolheu não terminar a frase.

- Sim.- Disse em um suspiro.- Ela está morta. Mas eu tenho certeza de que a ouvi.

Um silêncio estranho se formou, todos tentavam achar alguma explicação ao mesmo tempo. Obviamente nenhuma das três cabeças conseguiu pensar em algo que fizesse real sentido. Afinal, mortos *nunca* podem voltar a vida.

- Então, acho que esse é mais um mistério a ser resolvido quando for para Alfheim.- Disse Dione.

- Sim.- E mais uma vez estávamos em silêncio.

- Sabe, eu acabei de lembrar uma coisa.- Dione se pronunciou.

- O que, irmã?

- Orfeu,- Começou, se virando para mim. Agora os dois pares de olhos verdes olhavam para mim.- Hoje mais cedo eu e Ícaro conversamos e decidimos que, já que nossa viagem ainda vai ser longa e complicada, você precisa saber algumas coisas sobre nós dois.- Contou.

- Precisamos confiar um no outro, então precisamos contar o porque de dois magos adolescentes estarem vivendo sozinhos em Amsetec.- Ícaro contou com faíscas no olhar. Eles estavam prestes a tocar em um assunto que até eu sabia ser delicado.

- Não precisam falar sobre o assunto se estiverem desconfortáveis.- Avisei. Mas Dione apenas balançou a cabeça em negação.

- Precisamos.- Disse ela convicta, mas parecendo pesarosa.- Tudo começou quando tínhamos uns sete anos. Nossos pais eram magos conhecidos em Mana por suas habilidades de cura e proteção. Vivíamos normalmente até que...

- Até que, um dia, o alto conselho dos magos mandaram invadir a nossa casa e prender nossos pais.- Continuou Ícaro pela irmã.

- Nós só tivemos tempo de fugir.- Contou, ambos segurando anéis que combinavam um com o outro.- Minha mãe me deu seu anel de casamento e Ícaro ficou com o do nosso pai. Eles sabiam que iriam atrás da gente também, então aquilo

era uma despedida e nos deram os anéis como lembrança.

- Não sabemos o que houve com eles depois que fugimos e nem porque foram presos.- Disse Ícaro com voz baixa e embargada.- E estamos fugindo desde então. Sempre temos medo que ainda estejam buscando por nós, por isso nunca paramos muito tempo em um lugar.

- Eu... Eu sinto muito por vocês.- Foi tudo o que consegui pensar em dizer.

- Bem, depois de fugirmos embarcamos clandestinamente em um navio e viemos parar em Amsetec. Depois disso a coisa mais relevante que houve foi darmos de cara com um elfo estranho e desacordado no meio de uma floresta.- Debochou com um sorriso leve.

- Eu juro que não vou deixar que esses magos do alto conselho peguem vocês.

Nunca.- Prometi com meu coração.

- Obrigada, Orfeu.- Agradeceu Dione.- De verdade.

- Sabe, Orfeu, às vezes eu acho que você tem sorte de não lembrar de nada.

Assim suas feridas do passado não te atormentam.- Disse Ícaro.

- Mas, seja lá o que aconteceu, isso me assombra eu lembrando ou não.- Contei.- Então eu gostaria de lembrar das coisas boas também, pois só as realmente ruins me perseguiram desde o início.

Não falamos mais depois disso, não precisávamos. Nós só nos recolhemos e dormimos, esperando o novo dia raiar para seguirmos para Bastion.

Mas parecia que noites tranquilas e bem dormidas não combinavam comigo, pois tive outro sonho.

Eu estava novamente na aldeia que pegava fogo. Desta vez eu apenas olhava para a nuvem de fumaça nos portões. Em meio a ela eu vi olhos amarelos e brilhantes que me olhavam com toda hostilidade que a criatura possuía. A última coisa que ouvi, antes de ser engolido pela terra, foi um rugido alto e poderoso de um dragão.

Então eu abri os meus olhos e percebi que estava na porta da minha antiga casa, a mesma em que minha mãe me consolou em meu sonho anterior. Senti um cheiro bom vindo de dentro. Eu abri a porta e olhei em volta. A sala pequena com uma mesa no centro e duas portas de cada lado da parede. Vinda da porta a esquerda

a voz de minha mãe veio cantarolando uma cantiga, e logo sua figura apareceu na porta. Ela disse:

- Meu filho querido, eu senti sua falta.- Me disse com um sorriso gentil.- Vamos, sente-se. Precisamos conversar.- Segui suas instruções e me sentei a mesa, ela se sentou logo a minha frente.

- Mãe, eu... Como você falou comigo durante aquela luta?- Tentei me ater a pergunta mais recente.

- Eu lhe disse que sempre estaria ao seu lado.-Contou.

- Mas você... morreu.- Sussurrei a última parte.

- Sim,- Confirmou com pesar.- mas você ainda precisava e precisa de mim. Então eu decidi ficar neste mundo por mais um tempinho, mesmo que desta forma.- Disse de forma gentil.

- Mãe.- Disse, quase chorando, que nem uma criancinha.

- Não se preocupe, sua jornada é longa, mas eu estarei aqui para ajudá-lo.- Disse enquanto segurava minha mão.

- Eu quero saber tanta coisa sobre mim mesmo.- Confessei.- Saber de onde vim, quem eu era, o que houve comigo.

- Não posso lhe contar essas coisas.- Contou apertando minha mão.- Essa parte você deve resolver por si próprio, com os vivos.- Enquanto dizia isso uma lágrima escorreu por sua bochecha.

Eu corri e a abracei, eu ainda tinha ela. Enquanto eu ainda tivesse ela para me apoiar eu conseguirei lidar com o que quer que venha.

## Capítulo 24

Desde que Dione foi sequestrada e passamos por aquele perrengue com Ajax nós três estávamos bem mais próximos. Havia passado pouco mais de uma semana desde o incidente e não tivemos outros problemas com caçadores, apenas alguns encontros inesperados com um dracon adulto enquanto passávamos por uma encosta rochosa, um grifo nada contente em uma floresta perto da capital e um bando rebelde de pégasus selvagens que resolveram nos perseguir por quase toda a planície dos sussurros.

Eu descobri com satisfação que minha aljava recuperava automaticamente suas flechas disparadas depois de uns quarenta minutos, o que era uma grande ajuda. Durante esse tempo Dione também tentou ensinar á Orfeu algumas dicas para combate corpo a corpo e foi uma surpresa descobrir que o elfo aprendia mais rápido que um falcão gigante mergulhando.

Só faltava mais três dias para o prazo de partida do navio que levaria Orfeu para Alfheim e nós estávamos bem atrasados. Normalmente levaríamos mais uma semana inteira para chegar a Bastion mesmo que não fossemos parar para dormir nem uma noite, mas nós estávamos atrás de um meio de transporte mais rápido para percorrer a última parte do trajeto até o porto mais famoso do país.

Infelizmente, com o pouco dinheiro que tínhamos, nenhum tipo de transporte, mágico ou não, era uma opção. Nós tentamos arranjar mais dinheiro, mas não chegamos nem perto da quantidade que precisávamos e não conseguiríamos chegar a tempo andando, nem mesmo se caminhássemos por todas as duas noites restantes.

Decidimos parar em um pequeno bar nos arredores de uma das cidades comerciais que se distribuem por todo o país. Estávamos cansados pois pulamos uma noite inteira de sono na pressa de adiantar a viagem, e o pior foi que não adiantou de nada, pois andamos em círculos por quase metade da noite.

- A essa altura já estaríamos do outro lado da cidade vizinha, mas um certo alguém perdeu nossa bússola!- Exclamei em uma suposta indireta.

- Ícaro, eu já pedi desculpas.- Disse Orfeu, fazendo uma cara meio emburrada meio culpada, de braços cruzados.- E a culpa não é minha se uma coruja dentada achou que era um petisco da meia-noite.

- Já chega, vocês dois.- Disse Dione em um tom cansado.- De quem é a culpa não importa. Nós ainda precisamos de uma forma mais rápida para chegar em Bastion a tempo.

- É, mas nada que nos levaria a tempo custa vinte moedas de bronze, que é exatamente o que nos sobrou depois de comprar outra bússola..- Comentou o mais velho de nós três.

- Me deixem pensar por cinco minutos em silêncio.- Pediu minha irmã, mas aquilo estava mais para uma ordem do que para um pedido propriamente.

Apesar de ser alguém com coragem inata eu não iria desafiar a minha irmã, para poupar a minha energia, e não por estar com medo da cara de ódio e advertência que ela acabara de dirigir a mim.

Compramos um prato de comida decente como pouco dinheiro que nos restava e comemos em silêncio total. Dione e eu pensávamos em alguma solução para o recente problema de transporte enquanto Orfeu olhava em volta com uma cara de paisagem. Se ele estivesse contando porcos alados pulando uma cerquinha eu não ficaria surpreso, pois em boa parte do tempo ele estava no mundo das nuvens, pensando em não sei o que, que o fazia tropeçar na própria sombra.

- E aí, Orfeu.- Me pronunciei, já me preparando para a brincadeira que estava prestes a fazer.- Cuidado para não perder a cabeça nas nuvens em que se perde a cada cinco minutos.- Zombei.

Apesar de agora confiar no nosso novo companheiro, e até considerá-lo um amigo, isso não significava que irá parar de brincar com a cara dele. Na verdade, quanto mais próximo alguém fosse de mim maiores eram as chances de ser alvo das minhas piadas com sua pessoa. Nas poucas vezes em que acabava passando dos limites Dione me dava um cascudo e eu me desculpava na hora.

- O que?- Perguntou, confuso, meu novo amigo.

- Nada.- Disse ainda rindo um pouco da cara de surpresa dele.

- Fiquem quietos.- Avisou minha irmã.- Eu tive uma ideia para um transporte barato e eficiente.- Contou, com um sorriso estranho no rosto, do tipo que eu sabia que significava encrenca eminente.

- E qual é?- Perguntou Orfeu, alheio ao significado daquela expressão.

- Venham comigo que já vão descobrir.

Definitivamente aquela era uma péssima ideia.

Minha irmã nos guiou para fora da cidade até um campo aberto e vasto logo atrás de um pequeno bosque, lá encontramos um bando de pégasus selvagens pastando de forma tranquila.

- Aí está a nossa carona.- Contou ela.

- Você tá de brincadeira?!- Exclamei em tom baixo.- Leva anos para se domar um cavalo alado desses e você espera que façamos isso em questão de um dia?

- É, Dione, isso parece loucura até para mim.- Confirmou o elfo.

- Eu já pensei em outras opções. Até cogitei um grifo, mas, por incrível que pareça, essa é a melhor escolha.- Falou.- E pense bem. Não precisamos domar os animais, basta aprendermos a guiá-los pelos céus até Bastion de forma controlada e sem cair.

- Sim, a coisa mais fácil do mundo.- Resmunguei.

- Não começa, você sabe que eu iria preferir algo mais seguro, mas essa é a nossa única escolha, já que ir ilegalmente em uma carroça de suprimentos ou algo assim não faria diferença no tempo de viagem.

- Huum.- Disse cruzando os braços.- Somos eu e o Orfeu que vamos atrás dos pegasus, não é?

- Claro. Eu criei o plano e vocês o executam.- Falou com um sorrisinho debochado.

Então fomos eu e Orfeu para o meio do campo o mais discretamente que poderíamos. Por um milagre ele não tropeçou em nada e conseguiu ficar quieto. Chegando perto dos cavalos alados nós tiramos dos bolsos algumas cordas para podermos pegar os animais, porém, quando estávamos prestes a lançar a corda eu ouvi algo vindo da esquerda.

Fiz com que Orfeu ficasse parado e tentei ouvir melhor. Eu percebi que o que vinha em nossa direção eram vozes, e elas não me pareciam muito amigáveis. Fiz um sinal para que me seguisse e fomos em direção a uma pedra grande para nos escondermos. Eu me levantei um pouco e olhei por cima da grama alta e da pedra.

Do outro lado do campo estavam um grupo de uns cinco indivíduos. Dois eram ogros, dois eram humanos comuns e um era um anão nada amigável e com muitas cicatrizes.

- Parece que demos de cara com caçadores de criaturas ilegais.- Sussurrei.  
- Então eles estão atrás dos pegasus.- Concluiu.- Precisamos impedir isso.  
- O que?- Indaguei.- Não, eles estão bem armados e isso não é da nossa conta.

- Mas se eles são ilegais imagina o que devem fazer com os animais que capturam.- Contra argumentou.

- Seu cérebro só funciona quando é para nos colocar em mais problemas não é?- Disse em um suspiro.- Vamos espantá-los então.- Disse.

Dessa forma eu continuei parado na pedra com meu arco preparado e Orfeu seguiu sorrateiramente para a direita, ficando de frente para os caçadores que começavam a se aproximar dos cavalos alados devagar e segurando cordas com ganchos nas pontas.

Eu dei um sinal com a cabeça para o meu cúmplice no plano e então ele se levantou rapidamente e segurando sua espada. Isso assustou os caçadores, mas o objetivo real era afugentar os animais para que não fossem capturados, o que funcionou assim que Orfeu deu um grande e escandaloso grito de guerra.

Os animais fugiram e os caçadores também, para evitar que fossem pegos.

Orfeu se virou para mim e disse:

- Precisamos ir atrás deles!- Avisou.- Eles devem ter animais capturados e nós podemos ajudar!

- Ah não, já estamos atrasados para chegar em Bastion e você ainda quer desviar do caminho?!- Exclamei.

- Nós vamos!- Disse minha irmã, que parece ter surgido do nada. Provavelmente tenha visto o bando de cavalos alçar vôo e veio ver como estávamos.- E isso não é um pedido, Ícaro.

Então seguimos a trilha que os caçadores deixaram do outro lado da floresta, mesmo que eu fosse contra a ideia. Andamos por uns vinte minutos até ouvimos barulhos de vozes novamente e paramos no mesmo lugar. Depois de andar até um ponto onde víamos o acampamento improvisado nós paramos de novo.

O lugar seria bem simples, uma fogueira e duas barracas armadas ao lado dela, se não fossem os quatro grandes cavalos alados presos com cordas nas patas, focinho e asas caídos no chão mais ao fundo do lugar.

Os caçadores pareciam ter chegado a apenas alguns poucos minutos e ainda estavam ofegantes. Eles começaram a desmontar o acampamento para irem embora já que tínhamos descoberto que estavam lá.

- O que devemos fazer com os pegasus?- Perguntou um dos humanos.

- Mate eles e tire o couro e as asas o mais rápido que conseguir.- Respondeu um dos ogros.

Eu me virei para os meus companheiros e então Dione disse baixinho o plano que havia formulado:

- Você vai lançar uma flecha para distraí-los enquanto eu e Orfeu vamos até lá e tentar nocautear quem encontrarem.- Avisou.

- Sim.- Respondemos juntos.

Eu me posicionei e armei minha flecha novamente.

Não deveria ser muito difícil vencer aquele grupo, pois nenhum deles tinha magia e não pareciam ser exatamente treinados para combater algo além de animais. Mas fiquei alerta mesmo assim.

O humano que iria matar os pegasus estava ajoelhado ao lado de um dos animais e levantou a faca que carregava. Pensei que aquele seria o momento ideal para começar o ataque então atirei o mais próximo dele que pude. Assim ele me olhou diretamente e gritou:

- Eles nos descobriram isso é um ataque!- Avisou aos companheiros.

O que aconteceu depois foi rápido. Orfeu apareceu junto com Dione e eles começaram a lutar contra os caçadores. Eu dei suporte de longe e fui me aproximando com cautela dos animais presos. Já ao lado de um dos animais eu tirei uma das flechas e a segurei perto da ponta para soltá-lo, mas ele se assustou e começou a se debater no chão.

- Calma, eu só quero soltar você.- Sussurrei já com a paciência curta.

Por mais que eu quisesse cortar as cordas ele continuava se mexendo e se eu tentasse poderia machucá-lo. Enquanto pensava em como acalmar a criatura eu senti algo gelado encostar na minha nuca.

- Levanta devagar e solta a flecha.- Disse um dos bandidos humanos, provavelmente o que eu assustei, com uma pistola apontada para minha cabeça.

Não podia deixar aquele cavalo daquele jeito então aproveitei o momento em

que ele parou de se mexer pela chegada da nova pessoa e cortei as cordas que prendiam seus cascos.

- Ora, seu...

Em um segundo o cara estava caído no chão e o pégasus pousava suas patas traseiras no chão. Ele me olhou com seus olhos castanhos de forma indecifrável, talvez por ser um animal. Eu fiquei parado tentando evitar assustá-lo, mas ele apenas virou de lado para mim, como se pedisse que terminasse de desamarrá-lo. Foi isso mesmo que eu fiz, soltando suas asas e focinho, logo repeti isso com todos os outros três andei atrás de Dione e Orfeu.

No centro do acampamento, ao lado da fogueira, estavam os dois intactos. Soltei um suspiro de alívio por ver que os dois estavam bem e fui ao seu encontro.

Chegando perto eles me reconheceram e olharam em minha direção, logo ficando com uma cara meio surpresa.

- Irmão,- Começou Dione.- Atrás de você.

Me virei esperando ver mais dos bandidos, mas tudo o que vi foram os quatro pegasus atrás de mim relinchando e batendo os cascos de forma brincalhona. Ao que maior, o qual eu tinha salvado primeiro, caminhou até mim e encostou levemente seu focinho de forma carinhosa.

- Acho que você fez novos amigos.- Disse Orfeu.- Achei que animais não fossem gostar de você por causa da cara emburrada, mas parece que eu me enganei.

Eu estava tão surpreso quanto ele, para ser sincero. Eu sabia que os animais até gostavam de mim, com exceção dos grifos que pareciam me odiar, e até fazia carinho em cães e gatos de rua nas cidades em que passávamos, mas quatro pegasus selvagens era novidade.

Dione se aproximou e o cavalo ficou inquieto. Eu tentei acalmá-lo de novo e então minha irmã se aproximou de novo, indo em direção ou pegasus com pelagem preta. O animal pareceu gostar dela pois se aproximou pedindo carinho.

Orfeu fez a mesma coisa como cavalo alado da esquerda o qual possuía pêlos castanho avermelhado e recebeu seu carinho de bom grado.

- Parece que o líder do bando gostou de você.- Falou Dione.

- Acho que sim.- Respondi. Então uma ideia me veio à cabeça.- Nós precisamos de ajuda.- Disse ao cavalo maior com pelos malhados em preto e

branco, me sentindo meio idiota por falar com um cavalo.- Precisamos chegar em Bastion, ao norte daqui, mas não podemos continuar a pé senão não vai dar tempo. Você poderia nos levar até lá?- Perguntei.

Ele se afastou um pouco e me encarou, como se ponderasse a respeito do meu pedido. Passados alguns segundos ele recuou um pouco e se virou de lado, dobrando as patas para ficar mais baixo e confirmando que aceitou meu pedido. Tanto o pegasus preto quanto o avermelhado seguiram seu líder e repetiram os movimentos.

Nós três pegamos nossas coisas escondidas atrás das moitas e montamos nos animais, que levantaram rapidamente. Eu acariciei o pescoço do líder do bando e disse:

- Se vamos ser amigos preciso te chamar por um nome.- Conteí.- O que você acha de Zéfiro?- Ele relinchou e bateu os cascos, parecendo satisfeito.

- Se é assim essa aqui também precisa de um nome.- Disse minha irmã.- Que tal Selene?- A égua pareceu gostar.

- Eu acho que você também vai querer um, né garotão?- Com um relincho ele confirmou sua vontade.- Aposto que vai gostar de Noto.- Aparentemente gostou mesmo.

- Então como fazemos para que eles voem?- Perguntei.

Parecendo levar aquilo como desafio o recém nomeado Zéfiro começou a galopar em alta velocidade e a bater suas asas, com seus companheiros logo atrás carregando meus amigos. Em alguns segundos já estávamos no ar e com os ventos batendo em nossos rostos.

Aquela era, sem dúvidas, a forma mais divertida de viajar que eu já tive em toda a minha vida.

## Capítulo 25

Definitivamente, Selene era a mais comportada dos pégasus. Enquanto Zéfiro e Noto pareciam competir para ver qual deixava o chão primeiro em todas as vezes em que parávamos para descansar, a égua pastava calmamente.

E graças aos nossos amigos alados chegamos nos arredores de Bastion no meio da tarde seguinte. Eles pousaram em um campo aberto perto de algumas casas e assim nós desmontamos deles e colocamos novamente nossas mochilas em nossas costas.

- Que bom que finalmente estamos aqui.- Disse Orfeu.

- Sim. Agora só é preciso ir para o porto e falar com o tal amigo que Euristo nos contou.- Completou Ícaro.

- E para isso precisamos do mapa que ele me entregou.- Falou Orfeu, buscando o que precisávamos em sua mochila.- Aqui!

- Bem, acho que agora precisamos nos despedir dos nossos amigos aqui.- Avisei, virando-me para a bela égua alada que me carregara até ali.- Obrigada, Selene. Agora Vocês podem voltar para o resto do seu bando.- Disse acariciando seu focinho.

Os meus dois companheiros também foram despedir-se dos pegasus, mas tanto eles quanto Selene não pareceram concordar com aquilo. Ela me olhou e depois virou o pescoço para os outros dois equinos e seus olhos pareciam transmitir uma mensagem.

- Parece que não sobrou bando para voltarem.- Orfeu verbalizou a mensagem que os três animais transmitiam.- Agora eles vão seguir a gente para onde formos.

- Eu posso me acostumar com isso.- Disse meu irmão afagando a crina do seu amigo com cascos e sorrindo.

- Bem, não há tempo a perder então. Vamos para o ponto de encontro do marinheiro que buscamos.- Instrui.

Nós realmente estávamos atrás do local combinado com os equinos logo atrás de nós. Em alguns momentos era um pouco difícil passá-los pelas pequenas ruelas da cidade, mas demos um jeito.

Lá pelas cinco da tarde nós encontramos, enfim, o local marcado no mapa. Um

porto com diversas pontes de madeira que terminavam depois de alguns metros dentro das águas onde os barcos estavam atracados. Havia tendas de peixes e frutos do mar para se vender e muitas pessoas passavam por lá.

E lá, perto da entrada para os píeres onde os mais variados barcos estavam atracados, esperava um homem alto e de cabelos pretos encaracolados. Sua pele era azulada, algo bem incomum, e seus olhos eram amarelos onde deveria ser branco. Ele também tinha pequenos chifres retorcidos no topo da cabeça.

O homem peculiar se vira para nós e escena amplamente.

- Vocês são Dione, Ícaro e Orfeu? - Perguntou assim que nos aproximamos.

- Sim.- Respondi.- E você é o habilidoso marinheiro que Euristo comentou?

- Claro! Rafael Imir, ou seu dispor.- Exclamou.- Vejo que trouxeram mais companhia.- Comentou olhando os três pegasus às nossas costas.

- Foram uma amizade surpresa.- Conteí.

- Tudo bem, nós partimos amanhã pela manhã, então acho que consigo arranjar um espaço para os belos animais até lá.- Disse meio nervoso.

- Obrigada, senhor Rafael.- Agradei

- De nada. O meu navio é aquele ali com um dragão na proa!- Apontou.

Eu vi um grande navio feito de madeira com a figura de proa de um grande dragão sorridente. O navio tinha duas velas principais e uma menor na frente e deveria ter uns vinte metros de comprimento. Isso foi tudo o que pude ver daquela distância.

- Vocês podem andar pela cidade, mas certifiquem se de estarem todos aqui logo que o sol raiar. Ah, e podem dormir em uma das cabines também.

- Desculpe, mas nós não vamos.- Disse Ícaro, apontando para mim e para ele mesmo.- Só o elfo que vai.

- Ícaro...- Eu comecei, mas não consegui pensar no que dizer. Com tudo o que houve desde o meu sequestro eu não pensei no assunto e que nossos planos não incluíam ir com Orfeu até Alfheim, mas bastou pouco tempo para que eu tomasse uma decisão.- Nós vamos sim.- Disse.

- O que? - Perguntou meu irmão com uma expressão raivosa e confusa.- Dione, não foi isso o que combinamos. Nós não podemos simplesmente deixar

Amsetec assim.

- Por que não?- Retruquei.- Não temos nada realmente importante aqui!- Argumentei.- Ir com Orfeu é uma boa escolha.

- Não!- Gritou.- Mudar assim, de forma tão abrupta! Não é assim que fazemos as coisas!

- Nós também não ajudávamos ninguém sem receber algo em troca e nem tínhamos amigos além de nós mesmos! Mas isso já é passado, irmão.- Falei.

- Eu não vou!- Exclamou e, em seguida, disparou pelas ruas e sumiu na multidão.

- Ããh... Então, eu devo preparar o lugar para ele também?- Perguntou Rafael.

- Sim!- Respondi- Nós vamos convencê-lo de ir logo. Orfeu, vamos atrás do meu irmão idiota!- Chamei.

- S-sim!- E então nós deixamos o marinheiro e os três cavalos alados para trás em busca do meu irmão, que levaria belos socos quando eu o achasse.

## Capítulo 26

O sol já se punha no horizonte de casas e construções da cidade de Bastion e nem um sinal sequer do cabeça dura do Ícaro.

Estávamos a quase duas horas buscando por ele e, mesmo que tentasse, Dione não conseguia achar o irmão com a magia do fio de Ariadne, a qual o, agora desaparecido, irmão usara pra achá-la quando foi sequestrada.

Andávamos por uma parte deserta do cas que parecia até abandonada, com um trecho que se abria para uma praia com grandes formações rochosas se projetando da areia e poucas construções em volta, também abandonadas.

- Como é possível? Nenhum de nós sabe ocultar a presença mágica ainda!- Exclamou a garota desesperada.

- Não é bem verdade. Durante a luta com Ajax naquela cabana vocês dois esconderam sua presença até atacarem o ogro. Acho que ele deve estar usando isso.- Comentei.

- Isso não me ajuda em nada!- Gritou chutando uma pedrinha do meio do caminho.- Desculpa, Orfeu, mas ele é toda a família que eu ainda tenho. Não posso perdê-lo.- Confessou com a voz embargada.

- Você não precisa ir comigo. Pode ficar aqui com ele.- Disse, apesar de essa possibilidade não me agradar.

- Não, eu quero ir com você e ele também, mas está com medo de nos machucarmos de novo.- Falou.- Nenhum de nós nunca quis sair da zona de conforto desde que nossos pais foram presos, mas sei que é isso que ele realmente quer.

- Como você tem tanta certeza disso?- Perguntei.

- Somos gêmeos, nos conhecemos desde sempre. E também ele se abriu com você de uma forma que eu achei que seria impossível depois de tudo.

- Se é assim eu vou fazer de tudo para que ele fique confortável de ir conosco.- Prometi.- E não se preocupe, vamos achá-lo logo.

- Obrigada, mas temos que nos apressar porque não falta muito tempo para a partida do navio e ainda temos muito aonde procurar. Vamos logo atrás daquele cabeça dura.- Disse com um leve sorriso.

Nos viramos para continuar a busca em um local diferente, mas nos deparamos com uma figura encapuzada a nossa frente impedindo nossa passagem. A pessoa não parecia muito alta, mas sua presença era ameaçadora. Ele vestia uma capa preta com o capuz que cobria seu rosto e emanava magia, mas de um tipo diferente da que os irmãos possuíam, era magia negra. Então a voz incrivelmente melodiosa, mas assustadora, do homem se fez ouvir.

- Vocês não vão a lugar algum.- Dizia.- Podem ter dado muito trabalho para meu servo, mas eu sou muito superior a ele e vou encerrar essa brincadeira logo.- Falou de forma ameaçadora.

- Quem é você?- Disse e me adiantei puxando minha arma para fora da bainha.

- Não se preocupe com isso, logo essa informação não fará diferença, já que estarão mortos.- Contou retirando o capuz e deixando a mostra um rosto que seria extremamente belo, com cabelos loiros e cacheados emoldurando um rosto comprido e olhos roxos, se não fossem por cicatrizes de queimadura que cobriam parte de seu rosto e desciam pelo pescoço. Eu suspeitava que fossem causadas por um acidente com magia negra.- Parece que um de vocês está faltando, mas isso não é problema, afinal o prato principal está aqui.

Diferente de Ajax, que ficava se gabando antes de atacar e quando o fazia era um ataque bruto e frontal, aquele homem, que parecia ter a minha idade, logo começou a agir, conjurando uma barreira mágica, que eu supunha ser para nos impedir de fugir, e começou uma cantiga estranha.

- Magia de evocação!- Identificou Dione.- Ele vai evocar algo para nos matar!

- O que faremos?- Perguntei, já que ela era quem elaborava a maioria dos planos.

- Não sei.- Seus olhos mostravam desespero e isso era um péssimo sinal.- Tudo o que podemos fazer contra alguém com reservas mágicas tão grandes e tanta habilidade é tentar sobreviver enquanto não chega ajuda.- Disse aproveitando o tempo em que o mago invoca algo para nos matar enquanto ficava do lado de fora da barreira mágica e seguro.

- Que ajuda? Não tem ninguém para nos socorrer!

- Tem alguém. Um certo indivíduo que deveria estar nos acompanhando.

- Ícaro? Como ele vai saber?-

- Tentarei enviar uma mensagem. Enquanto isso preciso que me proteja do que quer que ele invoque.

- Deixa comigo!- Exclamei me colocando à sua frente com a espada em punho enquanto ela fechava os olhos e se concentrava em avisar Ícaro da nossa situação.- Espero que chegue logo seu cabeça dura idiota.- Falei.

## Capítulo 27

Eu não me orgulhava de ter fugido, mas não sabia mais o que fazer.

Passei todo o tempo desde que encontramos Orfeu negando que qualquer coisa havia mudado e afirmava que eu ainda tinha controle total sobre a minha vida, apesar de saber que era mentira. Quando passei a considerar Orfeu um amigo eu consegui aceitar que algumas coisas mudaram e eu estava realmente feliz com isso e não me importaria de viver daquela forma a partir de agora.

Mas eu não conseguiria aceitar essa mudança nova. Todas as possibilidades para o futuro me pareciam ruins. Ou eu e Dione voltamos a viver da mesma forma que antes, o que seria impossível depois do que vivemos junto daquele elfo atrapalhado, ou nós seguíamos com Orfeu, que provavelmente nos deixaria quando lembrasse do seu passado e família.

A vida seria ótima se ele ficasse e nós passássemos a viver todos juntos em Amsetec, mas ele era determinado a descobrir quem foi e não chegaria nem a considerar tal possibilidade.

Com esse pensamentos melancólicos eu andava pelas ruas de forma aleatória tentando pensar no que faria agora que Orfeu e Dione iriam embora. Definitivamente minha vida não seria a mesma sem eles para eu implicar, brincar e comer junto. Afastei esse pensamento e continuei andando por algum tempo.

Vi o sol se pôr e as ruas escurecerem ao mesmo tempo em que se esvaziavam.

Passando por uma casinha eu vi um jovem da idade de Orfeu chegar em casa e ser recebido alegremente por sua família. Mãe, pai e dois irmãos mais novos, que pareciam ter uns doze ou quatorze anos, o recebiam com abraços e sorrisos. Olhei para aquela cena e pensava em como seria bom ter uma família de novo.

Então eu me sentei em um pequeno barril e continuei admirando a cena.

Fechei meus olhos e tentei pensar em minha família, que a tempos eu não pensava em estar completa novamente, mas eu não via só meus pais e Dione desta vez, lá no meio estava aquele elfo estabonado e sorridente. Todos me olhavam com sorrisos e meu coração ficou pesado. Meus pais se entreolharam e me encararam novamente, levantando as mãos e me chamando de volta.

Quando abri meus olhos uma lágrima teimosa escorreu por meu rosto. E então algo estranho aconteceu. Uma voz começou a soar em minha mente, a voz da minha irmã.

*“Ícaro! Precisamos de ajuda, estamos cercados e um mago sombrio está invocando algo para nos matar! Estamos sem tempo! Venha logo, por favor.”*

Eu levantei em um salto e me arrependendo por tê-los deixado sozinhos e vagando a minha procura. Agora estavam em perigo e a culpa ra novamente minha. Usei o feitiço do fio de Ariadne e assim que a fita apareceu eu me pus a correr em toda velocidade atrás dela.

Eu entendi que agora Orfeu também era parte da minha família e, sendo assim, eu deveria continuar ao lado dele e de Dione, protegendo-os e cuidando-os com o melhor que eu tinha da mesma forma que eles fizeram por mim e continuariam a fazer.

Eu segui o fio até uma parte abandonada da cidade que dava para o mar. Pouco antes de chegar lá eu fiz a mesma coisa de quando fugi dos meus amigos, oculte minha presença.

Andei e me escondi em cima de uma das casas abandonadas a qual ficava de frente para onde minha irmã e Orfeu estavam presos por uma barreira esférica de cor verde venenosa. Eu vi que eles já pareciam ter lutado e estavam ofegantes. Uma carcaça de réptil javali estava caída a uns metros de distância dos dois aprisionados e o mago estranho continuava conjurando um feitiço de invocação.

Me preparei para atirar no homem encapuzado para impedir o feitiço, mas já era tarde. Outra besta apareceu dentro da prisão e era um drakon montanhês enorme. Orfeu e Dione puxaram as armas e começaram a lutar.

Então uma ideia me ocorreu, eu deveria acabar com aquela barreira e para isso precisava desconcentrar o mago que a conjurava. Puxei a corda do meu arco e conjurei para a flecha um tipo de feitiço que uma vez meu pai me mostrou em uma vez: um feitiço explosivo. Não tinha certeza se iria funcionar, mas escolhas eram a coisa mais escassa naquele momento, então atirei.

Com um zumbido cortante a flecha viajou até o mago sombrio e explodiu logo que chegou perto dele. Graças a tudo o que é sagrado funcionou e ele foi empurrado a alguns metros de distância e o feitiço de barreira ruiu, libertando Orfeu e Dione, que

havam acabado de derrotar o drakon.

Escapei daquele local e corri para meus companheiros, armando outra flecha e mirando no mago atordado.

-Cheguei muito tarde?- Perguntei.

-Haha. Só um pouco.- Brincou minha irmã.

-É, ainda tem luta para você, não se preocupe.- Orfeu falou.

O mago se recuperava rápido e já preparava outra magia. Não poderíamos dar tempo para que armasse outra barreira ou invocar outra criatura, então lancei outra flecha explosiva.

-Você precisa usar aquele poder que usou contra Ajax, Orfeu!- Avisei.- Eu e Dione vamos o distrair por um tempo, mas se apresse.- Falei e assim nós dois pulamos para a batalha.

## Capítulo 28

Mais uma vez a responsabilidade de vencer estava comigo e agora, mais perto do que nunca de ter respostas e chegar em meu país natal, eu não podia desistir ou falhar de forma alguma.

Mas eu não conseguia fazer nada, nem mesmo fazer uma flor sequer brotar, pois naquela região não haviam mais que cinco brotos de grama queimados, apenas construções abandonadas e o mar que estavam em abundância. Sendo assim, sem nenhuma planta viva ao meu redor, não conseguiria usar minha nova habilidade.

Enquanto os irmãos Damon distraíam o mago, lançando flechas ou tentando um ataque pelas costas, eu me concentrava em encontrar algum tipo de aglomerado de plantas forte o suficiente para que eu usasse. Porém não deu nenhum resultado além de frustração e desespero.

- Orfeu, vai logo com isso aí!- Gritou Ícaro, que já começava a apresentar sinais de fadiga.

- Não consigo! Aqui não há vegetação suficiente para que eu use!- Gritei em resposta.

- Como assim?- Disse Dione, recuando junto de seu irmão para o meu lado.

- Eu não consigo...- Então uma risada fria e de arrepiar a espinha foi ouvida.

- Vocês acham que eu deixaria que o campo de batalha favorecesse vocês?- Comentou o mago, com um sorriso congelante no rosto.- Eu induzi que vocês viessem até aqui, um local que eu mesmo desmatei até a última folha, para que o elfo não pudesse usar seus poderes de florzinha.- Contou o que havia feito.

- Mas como você...- Comecei, mas fui interrompido novamente.

- Eu já lhe contei que vocês lutaram contra um de meus servos, Cerus Ajax, e quando ele voltou de sua última missão fracassada me contou a que nível seu poder tinha chegado. Mas é claro que eu já sabia das suas habilidades naturais antes disso.- Falou.

A cena que presenciava era de arrepiar, a lua já estava alta no céu e era a única fonte de luz, exceto minha espada e o mago que brilhava em um tom de verde desagradável e tóxico. Seu sorriso e olhos frios me cortavam até a alma, me fazendo querer apenas correr e fugir daquele lugar, mas eu continuei ali parado e com minha

arma levantada.

-Olha, por esses magos de meia tigela terem tido a coragem de me enfrentar para te proteger vou dar uma cortesia e dizer o nome de que irá ceifar suas vidas.- Vociferou abrindo os braços e com um repentino aumento de seu poder mágico.- Meu nome é Adônis. E agora já é a hora de acabar com isso.

Chamas verdes se acenderam em suas mãos e ele as lançou em nossa direção, sendo uma para cada um de nós. Os irmãos desviaram em um pulo, mas eu fui mais lento e por isso o fogo queimou as roupas e pele do meu braço esquerdo.

Ele continuou a lançar projéteis para nós e a cada um que se aproximava mais difícil ficava desviar deles. Ora ou outra partíamos para o ataque, mas logo éramos forçados a recuar novamente. Tanto os irmãos quanto eu estávamos nos esgotando aos poucos e dentro de poucos minutos já não conseguimos desviar dos ataques.

A força do mago parecia não diminuir, demonstrando o quão vastas eram suas reservas de magia as quais se esgotavam ainda mais lentamente por ser usuário de magia negra e utilizar da magia roubada dos outros por meio de sacrifícios. Por outro lado, a magia dos irmãos já estava no limite pelas tentativas frustradas de ataque.

Era evidente que Adônis não estava usando seu máximo, ao invés disso ele nos cansava aos poucos enquanto ficava a uma distância segura. O pior era que não adiantava de nada ter descoberto sua estratégia, porque não podia fazer nada para virar o jogo a nosso favor.

Então eu tomei uma decisão desesperada, fuji e me escondi atrás de uma das casas. Não por covardia ou para abandonar meus amigos, mas sim para tentar buscar conselhos com a única pessoa que saberia como usar meus poderes naquela situação: Minha mãe. Fechei meus olhos e tentei chamá-la.

“Mãe, eu preciso de sua ajuda! Não consigo usar meus poderes, não há plantas aqui! O que devo fazer?”

“*Orfeu, você deve usar o legado de seu pai.*” “Mas como assim?” Perguntei em desespero. “*O mar, use o mar.*”

“Não tem algas nele nem nada que eu poderia fazer brotar! E eu não posso controlar água!”

“*Pode sim. Este é o poder que seu pai o passou. Sei que não faz sentido, mas você não tem tempo. Vá!*”

Ela tinha razão. Aquilo não fazia o menor sentido. Mas eu voltei para o campo

de batalha mesmo assim.

Dione e Ícaro estavam caídos e o mago caçador se preparava para dar o golpe final, mas eu intercepta a grande bola de fogo verde lançada para meus amigos.

Tá bom, cortar uma bola de fogo com uma espada não iria funcionar, mas eu não tive tempo de pensar, o que resultou em uma ação idiota e suicída. Vendo a idiotice que tinha feito tentei arranjar alguma solução, mas é óbvio que não daria tempo de fazer nada e, se desviasse, mataria Dione e Ícaro e isso era algo que eu não permitiria.

Observando o fogo que provavelmente causaria minha morte se aproximar eu senti uma fisgada no peito, uma sensação parecida com a primeira vez que usei meus poderes contra Ajax. Mas desta vez parecia que uma outra parte minha, antes adormecida, despertava. Eu senti o imenso poder mágico que vinha da minha esquerda. Do mar.

Em um segundo eu fiz um corte desesperado com a espada. Um movimento lateral da esquerda para a direita que trouxe consigo uma onda de água salgada que apagou a chama verde. Então grandes quantidades de água me cercaram, reagindo ao meu comando.

Os irmãos Damon me olharam surpresos como no episódio da estalagem, mas com esperança e gratidão ao invés de medo. Já Adônis parecia confuso e receoso, em poucos segundos um clarão de entendimento passou por seu rosto, então ele proferiu palavras que me fizeram arrepiar mesmo não sabendo o significado exato.

- Por isso aquele homem de Clion está atrás de você.- Falou, não dando mais explicações e começando a invocar mais alguma coisa. Logo a figura do nosso antigo inimigo estava à nossa frente. Cerus Ajax estava sem expressão e tinha as mesmas marcas e rachaduras que seus duendes da última vez que os encontramos.- Ele falhou sendo uma mente independente, então me apropriei de sua mente para controlar sua força.

Ícaro e Dione se levantaram e se posicionaram um de cada lado logo atrás de mim e em posição para continuar a batalha. E então eu perguntei:

- Qual é o plano, Dione?

- Ícaro, dê cobertura para a gente.- Instruiu.- Eu cuido do Ajax e você vai atrás do mago.

- Deixa comigo,- Respondemos juntos.

## Capítulo 29

Eu sabia o que fazer: destruir o núcleo mágico para acabar com o controle sobre Ajax e assim eliminá-lo de vez.

Mas, como sempre, falar é mais fácil do que fazer.

Meu irmão se alternava em lançar flechas em Ajax e Adônis, mas mesmo as flechas dele só serviam de distração àquela distância e contra aqueles inimigos.

Coloquei a cabeça para funcionar e, enquanto desviava dos golpes do chicote, segui com os olhos as rachaduras na pele verde do ogro até um ponto em que se convertam em uma rachadura principal. Era lá que eu deveria focar meus ataques.

Mas o problema começava com o fato de que não conseguia chegar a mais perto do que quatro metros de distância do brutamontes verdes e, como minhas adagas não eram armas de médio alcance, não poderia fazer muita coisa além de desviar e tentar achar uma brecha na defesa dele.

Já estava cansada de tanto desviar das bolas de fogo e agora do chicote cortante, além de minha magia está no limite, e isso fazia com que alguns dos golpes de Ajax me acertaram e, mesmo eu sabendo os padrões de batalha dele, não conseguia desviar de todos nem avançar.

Aos poucos minha derrota ficava mais próxima e evidente, e as flechas explosivas que eram lançadas contra Ajax já não causavam danos, apenas o deixavam tonto devido à magia negra. Então uma ideia se passou pela minha mente, um jeito de fazer com que Ajax se aproximasse.

Assim que outra flecha explosiva foi lançada para o meu inimigo, eu pus meu plano horrível em prática. Corri para o raio de ataque do chicote e, assim que ele chegou perto de mim, o enrolei em minhas adagas e puxei com toda a força que pude. Só consegui fazer com que ele ficasse a dois metros de distância e foi hora de botar a segunda parte do plano em prática e rápido.

Concentrei o que restava da minha magia na lâmina, mas não para afiá-la, mas sim aumentar seu alcance. Dessa forma me virei e, girando todo o meu corpo para impulsionar o golpe, atingi o núcleo no peito do caçador, fazendo as marcas em sua pele se apagarem e seu corpo cair morto no chão.

Respirei fundo, mas a luta continuava a alguns metros de distância, com Orfeu,

que lançava ondas e mais ondas em direção a cada um dos ataques de fogo que Adônis direcionava para ele. Um escudo de correntes velozes feitas da água do mar protegia Orfeu, que golpeava com dificuldade o inimigo.

Aparentemente, as queimaduras recentes e o constante uso de magia cobraram seu preço, tornando os movimentos dele mais lentos e fazendo com que seu escudo de água falhasse cada vez com mais frequência. A cada magia que o atingia, Orfeu parecia prestes a cair, mas se mantinha de pé por força de vontade apenas.

Mesmo sendo um elfo e com uma espada mágica ele não resistiria por muito mais tempo.

- Orfeu.- Foi só o que consegui dizer quando o vi cair de joelhos depois de outro feitiço de repulsão o atingir.

Adônis levou as mãos até o pescoço de Orfeu, logo após o desarmar e chutar sua espada para longe. Queria correr até lá e impedir o que estava prestes a acontecer, mas estava longe e machucada. Nunca conseguiria chegar a tempo, tudo o que podia fazer era assistir com lágrimas nos olhos.

## Capítulo 30

Como um arqueiro, meu dever era dar suporte de longe, mas aquilo era muito frustrante!

Toda vez que Orfeu ou Dione eram atingidos minha vontade era correr em direção a eles para impedir que se machucassem mais, mas não podia, pois não ajudaria nada em um combate de curta distância. Então continuei atirando flechas em Ajax e Adônis de forma a tentar não atrapalhar meus companheiros e, sim, protegê-los quando precisassem, distraindo os seus inimigos com flechas explosivas.

Quando Dione venceu o que um dia foi Cerus Ajax, fiquei um pouco aliviado. “Um alvo a menos.” Pensei. Mas logo esse alívio se foi tão rápido quanto chegou. Orfeu estava em apuros.

Eu olhava aquela cena, que acontecia a apenas dois metros de mim, paralisado de medo. Vi meu amigo cair de joelhos na lama, sua espada foi chutada para longe dele e veio parar logo em meus pés. Assim que Adônis colocou suas mão sobre o pescoço de Orfeu eu levei minha mão a aljava para atirar novamente, mas nada alcancei. “Está vazia!” Constatei com grande desespero.

Novamente olhei meu amigo e vi sua vitalidade ser drenada aos poucos por uma magia negra proferida por Adônis. Naquele exato momento eu soube que só restava uma coisa que eu poderia fazer para salvá-lo. Então eu soltei meu arco, peguei a espada élfica, que parecia grande demais em minhas mãos, e ataquei o caçador enquanto ele estava distraído.

- Tira suas mãos da minha família!- Gritei, já a apenas meio metro deles.

Mesmo não sabendo brandir uma espada eu dei um golpe lateral desajeitado que apenas acertou o braço direito o mago sombrio, abrindo um grande corte que começou a sangrar instantaneamente. Mas aquele idiota ainda conseguiu lançar uma magia forte de repulção em mim.

Eu soltei a espada de Orfeu e voei por alguns metros, batendo minha cabeça em uma parede. Fiquei tonto demais para entender o que acontecia à minha volta durante muito tempo, mas, depois do que eu acho que foram alguns segundos, consegui distinguir algumas coisas dos borrões que via e dos sons abafados que ouvia.

Várias ondas enormes caíram sobre um clarão verde, que se apagou. Logo depois, ouvi um grito agonizante e depois apenas o silêncio. Uma figura se aproximou, mas eu desmaiei antes de poder saber quem era.

Não sabia o que aconteceu depois que desmaiei, mas de uma coisa eu tinha certeza: a dor que estava sentindo por todo o meu corpo não era de um sonho e muito menos indicava que eu havia morrido.

Como não conseguia me mover, de tão intensa a dor que sentia, fiquei parado e esperando que ela passasse logo. O que eu acredito ter levado apenas alguns minutos, mas pareceram horas.

Assim que senti que seria seguro abrir os olhos e levantar sem que fosse gritar, comecei a me mover: primeiro abrindo os olhos e me sentando na beira da cama.

“Mas...Espera. Como eu vim parar em uma cama?” Perguntei a mim mesmo.

Logo essa pergunta foi respondida quando a figura sentada em uma cadeira ao lado da minha cama, a qual eu nem percebi estar presente, se levantou em um pulo e segurou minha mão, me dando o maior susto que já levei.

Olhei melhor para ela percebi se tratar da minha irmã, a qual carregava expressões extremamente preocupadas.

Também olhei ao redor, percebendo estar em um pequeno quarto sem janelas iluminado por uma vela apoiada em uma mesinha presa a parede do local. Tudo lá era feito de madeira.

-Onde estamos?- Perguntei.

Vi o rosto de Dione mudar de preocupação para aliviado e depois levemente irritado.

-É sério? Você acorda depois de tudo o que aconteceu e pergunta onde estamos?-Disse.- E que ideia foi aquela de pegar uma espada e partir para cima do caçador?!

-Ããh...

Ela suavizou suas feições e riu de leve, me abraçando forte logo em seguida.

-Que bom que acordou seu idiota.- Falou com um sorriso.

-E que bom que você não morreu, sua maluca.- Ri e a abracei de volta. Mas então fiquei preocupado de novo.- Onde está Orfeu?

- No convés superior falando com Rafael.

- Estamos no navio?- Questionei.

- Sim. Você ficou dormindo por dois dias.- Contou minha irmã.- Ninguém sabia se iria acordar.

- Mas eu acordei. E estou com muita vontade des esticar as pernas.

Achei que levantar seria fácil, mas quando tentei eu caí de volta na cama. Dione me ajudou a levantar e depois consegui andar sozinho, o que foi um alívio, pois andar por aí precisando de ajuda seria bem vergonhoso.

Saí do meu quarto e andei por um corredor até um lance de escadas que me levou ao deque superior. Dione me acompanhou de perto por todo o trajeto com medo que eu caísse.

Assim que o sol tocou minha pele e senti seu calor, uma onda de tranquilidade passou por mim, mas logo ela foi interrompida por outro abraço apertado. Desta vez quem era o responsável por quase quebrar minhas costelas já lesionadas era Orfeu.

- Que bom que você não morreu.- Disse ele, me soltando finalmente.

- Digo o mesmo, seu idiota.

- Haha. Vamos, temos que te mostrar o navio e os tripulantes.

- Tá bom, mas não demorem muito que eu quero comer.- Avisei.

Eles não atenderam meu pedido, pois o tour demorou quase uma hora. Eles me mostraram onde ficava a cozinha, onde Zéfiro, Noto e Selene ficavam para comer ou dormir, e também me apresentaram a tripulação. Soube que dois deles eram magos e foram muito simpáticos em se dispor a ensinar algumas das magias que sabiam.

No final de tudo isso não precisei esperar muito para comer, pois já era meio dia e o almoço foi servido. Não sei se era a fome ou se o cozinheiro realmente era bom, mas aquele foi o melhor prato de arroz frito que já comi.

O resto do dia se passou tranquilo. Eu descobri que na cabine do Rafael haviam alguns livros que ele emprestava para os viajantes passarem o tempo livre, então peguei um e me sentei ao lado de uma das escadas no convés.

Pelo meio da tarde, Zéfiro, que voou ao redor do navio por algumas horas, pousou e veio me cumprimentar. Acho que ele sentiu minha falta, porque se deitou ao meu lado e dormiu enquanto eu terminava o livro.

Algumas horas depois, quando o céu já estava escuro e todos já haviam jantado e eu estava olhando as estrelas apoiado no parapeito do navio, Orfeu se aproximou com um sorriso nervoso.

- Oi.- Disse

- Oi.- Respondi.

- Então, Dione te contou o que houve depois que você desmaiou?

Sim, ela deu um resumo dos últimos dois dias também.- Respondi de forma simples.

- Ótimo então.- Ele parecia querer falar algo.- Me desculpe por trazer você junto mesmo depois de dizer que não queria vir.- Finalmente contou.

Ficamos um tempo em silêncio até que eu criasse coragem para falar algo.

- Não tem problema. Afinal, Dione já deve ter te contado que eu queria, na verdade, vir com vocês.

- Sim, ela me disse.

- Ela está certa. as vezes eu odeio que ela saiba tanto sobre mim.

- Mas por que você decidiu agora que viria mesmo?- Questionou o elfo.

- Por que já é meio tarde para voltar, não é?- Tentei fazer uma das piadas sem graça que ele tanto contava, mas ele não entendeu e só ficou meio triste.- Ai meu santo sábio. Era uma brincadeira.

- Ah. Entendi.- Disse.- Então por quê?

- Pela minha família, é óbvio.- Respondi.

- Então você veio para não deixar a Dione.- Concluiu.

- Foi por ela sim, mas agora você é parte da minha família também. Então eu decidi vir por causa dos meus irmãos.- Aquilo soou estranho, mas eu sabia que era assim que o via agora. Um irmão mais velho bobo e risonho que se arriscou muitas vezes para nos salvar.

Ele me olhou surpreso e então deu um sorriso. Como eu sabia que ele me abraçaria se não fosse pela minha costumeira aversão ao contato físico eu o abracei primeiro.

- Não ache que isso vai virar um costume, é só porque que você quase morreu.- Disse já me afastando.

Depois disso ele desceu para sua cabine para ir dormir e eu fiz o mesmo, encerrando o dia mais agradável e estranho que já tive.

## Capítulo 31

Na manhã do dia após Ícaro acordar, nós três nos reunimos na minha cabine a pedido meu para que eu explicasse o que entendo ter acontecido durante a luta contra Adônis.

Assim que os irmãos entraram eu fechei a porta e comecei a falar.

- Quero discutir o que houve a três dias atrás, enquanto lutamos.- Falei logo.

- De qual parte você quer falar? Que tal um ranking de qual foi mais aterrorizante?- Ironizou Dione.

- Isso é sério.

- Desculpe, devo ter adquirido esse hábito de você.- Eu não podia negar que era provável, mas tinha assuntos mais importantes.

- Queria falar do que houve e como eu consegui controlar água.- avisei.

- Eu fiquei surpreso, achei que elfos só pudessem controlar um elemento.- Falou Ícaro.

- Isso é verdade na maioria dos casos, mas...- Suspirei e me sentei.- Lembram quando eu falei de como surgiam novos elementos e poderes?

- Sim.

- Bem, isso é raro, mas tem casos em que, quando a criança nascida de pais com dois poderes diferentes e não herda apenas um poder ou cria um novo elemento, ela pode nascer com dois elementos, dois poderes.- Falei.

- Então você realmente pode controlar plantas e água?- Perguntou Dione.

- Sim. Minha mãe era uma elfa com poderes sobre as plantas e o meu pai, sobre a água.

- Mas como você descobriu?- Ícaro indagou.

- Quando me escondi atrás de uma casa eu implorei conselhos para minha mãe e ela disse para despertar o legado do meu pai, que era o mar.

- Isso é bom. Você está aprendendo mais sobre si mesmo.- Disse Dione com um sorriso. Mas eu não pude retribuí-lo.

- Na verdade isso me causou muitos problemas.- Disse.- Durante toda a viagem eu sonhei com acontecimentos ruins do meu passado, de outras crianças me batendo até a ser ignorado e odiado por todos da minha aldeia.

- Mas por que?- Perguntou Dione, novamente.

- Porque, para os elfos, ser alguém importante e poderoso é o principal objetivo de toda a vida, principalmente com relação aos elementos que controlamos, e, crianças como eu, não costumam ter essa capacidade e não controlam seus poderes de forma decente, ficando muito abaixo da média.

- Então aquilo que disse sobre apenas as coisas ruins te seguirem...- Começou Ícaro.

- Eu queria dizer que tudo o que eu lembrava na maioria das noites eram dolorosas lembranças de ser excluído.

- Mas agora você consegue usar seus poderes muito bem.- disse Dione.

- Sim e eu acredito que isso é decorrente dos anos em que fiquei preso naquela caverna. esse deve ser um dos efeitos do que fizeram comigo.- Conteí minha suposição.

- Agora você vai poder provar para quem te tratou assim que eles estavam errados.- Disse Ícaro, irritado pelo que soube.

- Humpf. Sim.- Concordei.

Depois dessa reunião nós fomos fazer nossas tarefas diárias para a manutenção de navio e depois curtir nosso tempo livre. Quase todo o resto do dia Dione e Ícaro ficaram tentando me pôr para cima e resmungavam que todos da minha aldeia eram idiotas.

Eu não podia ser mais grato por tê-los encontrado e por fazerem parte da minha nova vida.

As três semanas seguintes de viagem se passaram tranquilamente com apenas algumas poucas vezes em que o mar se agitou ou que encontramos algum monstro marinho agressivo, mas nunca tivemos problemas realmente grandes.

Porém minhas noites se tornavam cada dia mais agitadas.

Sonhos invadiam minha mente assim que fechava os olhos noite após noite. A maioria deles eram com uma garota. Na primeira vez que sonhei com ela não foi nada agradável, pois ela me batia e gritava o quão inútil eu era por ser um mestiço enquanto eu me encolhia e chorava. Eu tinha pouco mais que quatro anos no sonho.

Eu sonhei com ela e seus amigos me batendo ou me incomodando durante as aulas por quatro noites seguidas, mas, na quinta noite, algo mudou.

*O sonho começou em uma das aulas para dominar seu poder, onde sempre riam de mim. Todos já tinham por volta de sete anos.*

*Durante aquela aula tínhamos que transformar um pequeno broto em uma grande árvore e, aos poucos, todos iam conseguindo, mas quando chegou a vez da garota ela parecia nervosa. Ela moveu as mãos para fazer o broto crescer, mas isso não aconteceu.*

*Quando perceberam que ela não conseguia cumprir com o exercício todos riram dela e, não aguentando a pressão, ela correu e se embrenhou na floresta.*

*Dias se passaram e ela não aparecia nas aulas e não deixava o bosque. aproveitando sua ausência seus amigos riam dela e debochavam do que aconteceu na aula. Eu sabia que aquilo não era amizade de verdade, mesmo que não tivesse nenhum amigo. Principalmente por não ter nenhum amigo.*

*Nem mesmo seus pais foram atrás dela, então, preocupado que pudesse ter havido algo, eu adentrei o bosque à procura da garota sumida. Busquei por ela por horas até que finalmente ouvi algo vindo da minha esquerda. O barulho de um choro. Eu o segui.*

*Atrás de algumas árvores e moitas estava ela, chorando, suja e descabelada pelos dias passados na floresta. Me aproximei e disse:*

*- Você deveria voltar para a aldeia, Aurora.- Disse.*

*- O que você está fazendo aqui? Saia!- Gritou ainda de rosto baixo.*

*- Não.*

*- O que?- Disse com raiva, levantando o rosto vermelho de tanto chorar.*

*- Eu disse que não vou te deixar aqui sozinha.- Expliquei.*

*- Eu quero ficar sozinha!- Vociferou.*

*- Mas você está triste. Não é bom ficar sozinho quando se está triste.*

*- O que você sabe?*

*- Bem, eu estou sempre sozinho e triste. Então deve ser melhor ter alguém.-*

*Falei.*

*- Eu quero que você vá embora mesmo assim.*

*Percebi que ela estava decidida com relação àquilo, então disse:*

*- Tudo bem então. Mas antes eu vou comer alguma coisa. Estou a horas te*

*procurando e me deu fome.*

*Então eu me sentei ao seu lado e tirei um pedaço de pão da pequena sacola que trouxe comigo e o parti ao meio, entregando a outra metade para a menina que me olhava fixamente.*

*- Toma.*

*- Eu não quero.- E nesse momento sua barriga roncou, traindo a garota orgulhosa.*

*- Não quer mesmo?*

*- Ta bom, me dá esse pão.- Disse.*

*Nós comemos em silêncio e, quando terminei ela disse:*

*- Pronto. Agora pode ir embora.*

*- Sim, já vou.- Disse e comecei a andar, mas parei pouco depois. Não sabia direito o por que de estar ajudando uma garota que me humilhou e bateu em mim, mas ela precisava de ajuda e eu não podia ignorar.- Sabe, você é muito forte, e um erro de vez em quando não vai mudar isso. E saiba que isto vem de coração.- Disse e segui em frente, a deixando com seus pensamentos.*

*Depois desse sonho as duas noites seguidas foram apenas de imagens aleatórias e desconexas. Mas eu tornei a sonhar com ela na terceira noite depois daquela lembrança.*

*Nele eu estava novamente sendo atormentado, mas por pessoas mais velhas desta vez. Haviam passado duas semanas desde que Aurora tinha retornado da floresta, e durante esse tempo ela não fez nada contra mim, o que era um recorde, mas não me deixava exatamente feliz.*

*Eu fui encurralado em um beco por dois elfos adolescentes que começaram a me bater quando tentei fugir. Eles não tinham piedade e eram piores que os da minha idade.*

*Já estava caído no chão com vinhas me prendendo quando ouvi uma voz atrás dos garotos mais velhos, ela dizia friamente:*

*- Larguem ele.- Era Aurora.- Ele é o meu saco de pancadas.*

*- Quem disse isso?- Retrucou um dos adolescentes.*

*- Eu, seus vagabundos. Agora vão antes que minha paciência acabe.- Avisou.*

*Aurora vinha da família mais influente da região, então eles logo foram embora resmungando e reclamando.*

*Assim que eles saíram do beco e desapareceram ela veio até mim. Eu estava com medo de apanhar mais, por que ela não tinha um histórico exatamente agradável comigo. Mas ela apenas soltou as vinhas e me ajudou a levantar, dizendo apenas uma coisa:*

*- A partir de agora eu não vou deixar mais que te machuquem.- Então ela desapareceu correndo.*

Meus sonhos seguintes acompanharam meu crescimento e mostravam que, ao longo dos anos, Aurora e eu viramos melhores amigos.

Ela me disse que seu sonho era herdar o cargo de protetora da aldeia, assim conseguiria mudar algumas das coisas lá para melhor. Mas em um dos sonhos, depois de eu ter sido escolhido como protetor, ela se afastou e passou a me ignorar. Em nenhum dos sonhos seguintes mostrava se nós nos reconciliávamos, apenas algumas outras memórias de nós dois crescendo juntos e nos divertindo.

Na manhã do dia em que chegaríamos em Alfheim eu estava com uma sensação estranha ou ver as terras do meu país natal ao longe. Uma inquietação inexplicável tomou conta de mim.

Durante todos os dias em que estivemos no navio não contei aos irmãos sobre meus sonhos. Por algum motivo ainda queria guardar aquilo para mim, como se, assim que eu contasse, aquelas lembranças fossem desaparecer.

Às minhas costas ouvi Rafael avisar que atracaríamos em um porto ilegal em cerca de uma hora. Aproveitei esse tempo para arrumar minha mochila e guardar meus pertences. Também fui aos estábulos improvisados pegar Noto, que se alegrou ao me ver.

Chegando ao convés vi que meus amigos também estavam prontos e já com seus pégasus ao lado. Eles riram e especularam sobre o que encontraríamos em Alfheim. Assim que me viram acenaram com sorrisos e voltaram a conversar.

Em poucos minutos já estávamos atracados no porto nos despedindo de Rafael.

- Muito obrigada por tudo.- Dizia Dione.

- Sem problema. Euristi é um velho amigo, então ajudar amigos dele é sempre

um prazer.

Nos despedimos e seguimos andando pelo cais até chegar no último trecho de pontes de madeira e, parada a minha frente, estava Aurora.

- Quem é aquela mulher te encarando, Orfeu? - Perguntou Dione.

Eu congelei. Ela estava mais velha, mas era ela, sem sombra de dúvidas. Ainda tinha os mesmos cabelos castanhos e ondulados e olhos verdes. A pele era relativamente bronzeada. Suas roupas eram comuns para nosso país: uma calça e blusa simples com botas de couro e uma capa longa que terminava depois dos joelhos e com um capuz. Seu rosto continuava fino, mas bem delineado.

Ao seu lado estavam mais dois elfos que vestiam armaduras e empunham lanças. Aurora me encarou e sorriu, me chamando para perto.

- A quanto tempo, Orfeu. - Falou.

- É. - Foi tudo o que pode responder.

- Ah, é verdade. O anão nos contou pela carta que você perdeu a memória.

Então não deve se lembrar de mim. - Disse muito nervosa.

- Sim, eu perdi minhas memórias. Mas eu lembro de algumas coisas. E você, Aurora, é uma delas. - Falei, me apressando em mudar de assunto. - E esses são Ícaro e Dione Damon. Eles me acompanharam até aqui e são grandes amigos. - Falei meio receoso e nervoso. Eu não a via a mais de dez anos.

- Vejo que também arrumou amigos com cascos. - Comentou.

- Sim. Esses são Noto, Zéfiro e Selene. - apresentei-a aos animais.

- Bem, por mais que eu esteja feliz em vê-lo precisamos nos apressar. - Avisou. - Temos que levar todos vocês para um lugar seguro. - Disse, mas não se moveu. Alguns segundos constrangedores se passaram até que ela tornou a falar.

- Eu senti sua falta. - Disse enquanto caminhava até mim e me abraçou em seguida. - Agora vamos.

Ela e os outros dois elfos nos guiaram pelas docas.

Eu não parava de pensar em Aurora e em como ela poderia me contar tantas coisas sobre mim que eu ainda não sabia. Mas as perguntas teriam que esperar, porque ainda tinha muito a descobrir sobre o que se passou em minha ausência e se Aurora continuava sendo minha amiga depois de ter me tornado o protetor.

Mas eu estava a um passo mais perto de alcançar o que faltava de minhas lembranças e eu não desistiria agora.

Continua...